«Pode um homem nascer de novo, sendo velho?»

Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Rímini 2010

«PODE UM HOMEM NASCER DE NOVO, SENDO VELHO?»

Exercícios da Fraternidade
de Comunhão e Libertação

Rímini 2010

© 2010 Fraternità di Comunione e Liberazione
Tradução de José Maria Almeida, com revisão de Maria Rosário Lupi Bello.
Texto preparado para ser utilizado no Brasil e em Portugal.

Na capa: Jacob Jordaens, *Cristo e Nicodemos*, Museu de Belas Artes de Tournai – França
(Foto: Scala, Firenze).

Cidade do Vaticano, 20 de abril de 2010

Reverendo
Padre Julián Carrón
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Ocasião Exercícios Espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema "Pode um homem nascer de novo sendo velho?" Sumo Pontífice dirige aos participantes afetuoso pensamento e enquanto espera que providencial encontro suscite renovada fidelidade a Cristo única fonte de esperança por um fervoroso testemunho evangélico invoca copiosa efusão luzes celestes e envia a V. Revma., aos responsáveis Fraternidade e todos participantes especial bênção apostólica.

***Cardeal Tarcisio Bertone**, Secretário de Estado de Sua Santidade*

Sexta-feira, 23 de abril, noite

Na entrada e na saída:
Franz Schubert, Sinfonia n. 8 em si menor, D 759, "Incompleta"
Carlos Kleiber − Wiener Philharmoniker
"Spirto Gentil" n. 2, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO
Julián Carrón

Todos chegamos mais ou menos conscientemente movidos por um desejo, por uma espera, por uma urgência de que algo aconteça na nossa vida que a renove, que a faça recomeçar se está parada, que vença aquele ceticismo que se insinua dentro de nós paralisando-nos, que introduza um respiro que nos liberte do sufocar nas circunstâncias.

Sabemos bem que o único que introduziu esta novidade na história é Cristo. Viemos para cá movidos por aquela esperança que Ele, um dia, suscitou em nós, em ti, em mim, por aquele abalo que nós sofremos e que carregamos conosco desde que aconteceu. Mas quantos aspectos da nossa pessoa, da nossa vida esperam ser mudados por Ele!

Por isso, invocamos o Espírito para que Cristo penetre sempre mais em cada fibra do nosso ser, nos torne sempre mais partícipes daquela comoção do Ser, que o Mistério – "A fonte do ser está em Ti" – se dignou compartilhar conosco.

Oh, vinde Espírito

Começo lendo o telegrama que nos foi enviado pelo Santo Padre: "Ocasião Exercícios Espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema 'Pode um homem nascer de novo sendo velho?' Sumo Pontífice dirige aos participantes afetuoso pensamento e enquanto espera que providencial encontro suscite renovada fidelidade a Cristo única fonte de esperança por um fervoroso testemunho evangélico invoca copiosa efusão luzes celestes e envia a V. Revma., aos responsáveis Fraternidade e todos participantes especial bênção apostólica. Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade".

Saúdo a cada um de vocês e a todos os amigos que nos acompanham ao vivo, a partir de tantos países.

Cristo ressuscitou! Este é o anúncio que, incansavelmente, por séculos, a Igreja dirige a nós. Este é o acontecimento que domina a história, um evento que nenhum erro nosso ou dos nossos irmãos pode eliminar e que todo o mal que possa acontecer não pode cancelar. Este acontecimento é o motivo da nossa esperança; portanto, este acontecimento é que deve dominar em nós desde o primeiro instante destes dias: a Sua presença ressuscitada. Não seria adequado a todos os fatores do real, agora, um olhar sobre a nossa vida, sobre o sentimento que temos de nós mesmos, sobre o real e sobre o mundo, que não partisse deste reconhecimento; seria mentiroso, porque faltaria o fator decisivo de toda a história. Não existe uma novidade maior, nunca existiu uma novidade maior do que o acontecimento que Cristo ressuscitou. Por isso, na medida em que nos deixamos invadir totalmente por esta Presença viva, nos deixamos dominar por esta verdade – que é um acontecimento, não um pensamento criado por nós, mas um evento acontecido na história –, nós vemos mudar o sentimento que temos de nós mesmos.

Encontramo-nos juntos nestes dias para vivê-los sob a pressão desta comoção, sob a onda toda carregada desta comoção: Cristo morreu e ressurgiu para nós. Peço-lhes que Lhe deixem espaço, quer dizer, que nos deixemos arrastar por este evento; não consintamos que permaneça em nós apenas como palavra. Aconteceu: que luz, que respiro, que esperança traz para a vida este acontecimento! É o sinal mais evidente e mais potente da ternura do Mistério por cada um de nós, desta caridade sem limites de Deus pelo nosso nada (inclusive a nossa traição).

É a Sua presença vitoriosa no meio de nós que nos impulsiona a continuar o nosso percurso para tentar superar sempre mais a ruptura entre o saber e o crer, para que este acontecimento reconhecido pela fé determine a vida mais do que todas as outras coisas. Se, pelo contrário, este acontecimento permanecesse apenas ao nível da piedade e da devoção, seria como se não tivesse existido, como se não tivesse toda a densidade de realidade para mudar a vida, para incidir sobre a vida; e então ficaríamos determinados por todas as outras coisas, que nos atropelam, que nos confundem, que nos desencorajam, que nos impedem de respirar, de ver, de tocar com a mão a novidade que Cristo ressuscitado introduziu e introduz na nossa vida.

Partimos, há dois anos, da fé, que tem como origem – todos se lembram – "um ponto de partida fora de nós"[1]: encontrar-se com uma Pre-

[1] "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé", Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, encarte de *Passos – Litterae Communionis*, n. 95, julho de 2008, p. 13.

sença excepcional. A fé é o reconhecimento desta Presença excepcional, tornada carnalmente presente hoje pelas testemunhas, pelo povo cristão, pela Igreja, que seria impossível se Ele não a gerasse constantemente. Mas, no ano passado[2], aprofundamos que, apesar de termos visto tantos acontecimentos excepcionais, apesar de termos tantas testemunhas diante de nós, frequentemente, depois de um instante, parecenos que tudo desaparece; e identificamos a razão disso naquela ruptura entre o saber e o crer que se manifesta na redução da fé a projeção de um sentimento, a uma ética ou a uma forma de religiosidade estranha e oposta ao conhecimento. A redução está nisto: a fé não é mais concebida e vivida como um percurso de conhecimento de uma realidade presente, e isso deixa-nos fracos e confusos como todos. Uma fé que não é conhecimento, que não é reconhecimento de uma Presença real, não serve para a vida, não funda a esperança, não muda o sentimento que temos de nós mesmos, não introduz um respiro em cada circunstância. Identificamos o aspecto crucial da dificuldade na falta do humano: "O que falta entre nós não é a Presença (estamos rodeados por sinais, por testemunhas!); falta o humano. Se a humanidade não entra em jogo, o caminho do conhecimento fica paralisado. Amigos, não falta a Presença, falta o percurso"[3], o percurso introduzido pela curiosidade diante desta Presença, com a qual queremos entrar sempre mais num conhecimento aprofundado.

Depois de um ano, há sinais que tornam evidente que a ruptura entre saber e crer não foi ainda superada.

O primeiro sinal é que não se entende o nexo entre o acontecimento cristão e o humano: continuamos a percebê-los como exteriores um ao outro. Meses atrás, diante da minha insistência sobre o trabalho a ser feito, sobre a experiência, uma pessoa me disse que, no início, o Movimento a tinha tocado como encontro com algo de objetivo fora de si, de forma que não entendia por que eu, naquele momento, insistisse tanto sobre o trabalho. Então, tive que lembrá-la de onde havíamos partido: o deparar-se com uma presença; depois disso tudo desaparecia. Se esta dificuldade permanece, quer dizer que não entendemos a relação que existe entre o acontecimento cristão e o movimento do eu, não se entende que o sinal de que eu fiz um encontro é que começo a trabalhar,

---

[2] Refere-se aos Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, de título "Da Fé, o Método", Rímini, 24-26 de abril de 2009.

[3] "Da Fé, o Método", Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, encarte de *Passos – Litterae Communionis*, n. 106, julho de 2009, p. 21.

porque o meu humano é despertado. O trabalho é o sinal mais evidente de que o cristianismo é um acontecimento, ou seja, que acontece em mim algo que me desperta.

O segundo sinal é que o acontecimento cristão não produz uma mentalidade nova. Aconteceu-me neste verão escutar alguns dos nossos amigos estrangeiros que diziam como, diante de certos acontecimentos, se via que a mentalidade da origem é mais determinante, mais forte do que a mentalidade que nasce do encontro: diante dos acontecimentos da vida e do mundo a reação de tantos de nós é mais conforme à mentalidade de todos do que à mentalidade que o carisma do movimento expressa. Tendo tido, neste ano, a oportunidade de visitar tantas comunidades do mundo, vi isto em todos os lugares.

É como se víssemos sobre nós os efeitos daquilo que Charles Péguy descreve de modo tão sugestivo: "Pela primeira vez, pela primeira vez depois de Jesus, vimos, sob os nossos olhos, estamos para ver um mundo novo surgir, senão uma cidade; uma sociedade nova formar-se, senão uma cidade; a sociedade moderna, o mundo moderno; um mundo, uma sociedade constituir-se, ou pelo menos ser montada, (nascer e) crescer, depois de Jesus, sem Jesus. E o que é mais assustador, meu amigo, não é preciso negá-lo, é que conseguiram. [...] É isto que vos coloca numa situação trágica, única. Sois os primeiros. Sois os primeiros dos modernos"[4]. Depois de Jesus, sem Jesus. Não se trata apenas de um progressivo distanciamento de uma prática religiosa; o sinal por excelência do afastamento de Cristo da vida é uma mortificação das dimensões próprias do humano, uma concepção reduzida da própria humanidade, da percepção de si, um uso reduzido da razão, da afeição, da liberdade, uma censura do alcance do desejo. Giussani utilizou, anos atrás, a metáfora da explosão nuclear de Chernobyl, que produziu esta alteração no ânimo dos homens: "O organismo, estruturalmente, é como antes, mas dinamicamente não é mais o mesmo. É como se fosse um plágio fisiológico"[5].

Por isso, me perguntava: o cristianismo é capaz de tocar o núcleo duro da nossa mentalidade, ou consegue apenas acrescentar algo de decorativo, de piedoso, de moralista, de organizativo a um eu já perfeitamente constituído, refratário a toda e qualquer interferência? Por isso, durante este ano, frequentemente me voltou à mente o diálogo entre Jesus e Nicodemos, de onde vem o título dos nossos Exercícios: "E

---

[4] Péguy, C. Veronica. *Dialogo della storia coll'anima carnale*. In: Péguy, C. *Lui è qui*. Milano: BUR, 1997, p. 126.

[5] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*. Milano: BUR, 2010, p. 181.

havia entre os fariseus um homem, chamado Nicodemos, príncipe dos judeus. Este foi ter de noite com Jesus, e disse-lhe: 'Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele'. Jesus respondeu, e disse-lhe: 'Em verdade, em verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus'. Disse-lhe Nicodemos: 'Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e renascer?'"[6]. É possível, nessa nossa situação, a criatura nova, algo de verdadeiramente novo? Este, para mim, é o maior desafio que o cristianismo tem diante de si agora: se – na modalidade com a qual persuasivamente nos alcançou: o movimento – é capaz de perfurar a crosta do modo com o qual cada um está no real ou se está condenado a permanecer estranho, como um apêndice. Se não há mudança no modo de perceber, de julgar a realidade, quer dizer que a raiz do eu não foi investida por nenhuma novidade, que o acontecimento cristão ficou exterior ao eu. Também para nós a fé pode ser uma coisa entre as outras, encaixada, justaposta, que convive com o modo de ver e de sentir de todos. Alguns anos atrás, Dom Giussani dizia – vocês podem ler isso no livro da Equipe do CLU recentemente publicado –: "Todo o argumento da nossa posição de fé pode ser reconduzido exatamente à derrubada desta justaposição, porque Cristo, o acontecimento cristão [...] investe e penetra tudo"[7]. Sem derrubar esta posição, não poderemos perceber a pertinência da fé às exigências da vida.

Cada um de nós pode julgar o trabalho deste ano, e verificar em que medida esta novidade entrou na raiz do próprio eu. Que novidade trouxe? Não são pensamentos, não é uma questão de opiniões, de interpretações: se Cristo entrou como novidade na raiz do nosso eu e determina tudo de um modo novo, trazemos isso conosco no modo de viver o real. Eu vi tantos sinais disso ao longo deste ano, em tantas das nossas comunidades (ao mesmo tempo, há ainda tanto trabalho a fazer, como todos podemos reconhecer na nossa experiência). Todos estes sinais positivos têm um denominador comum: gente empenhada com o seguimento da proposta que nós fizemos. Mas, em tantos surge ainda a pergunta: qual é o trabalho que nos espera? Tantas vezes, realmente, cada um enche a palavra trabalho com as próprias imaginações.

Por isto, queremos continuar esclarecendo o que significa esta falta do humano. Este ano tive que fazer algumas palestras sobre *O senso re-*

---

[6] Jo 3, 1-4.

[7] L. Giussani, 2010, *op. cit.*, p. 41.

ligioso aos noviços dos *Memores Domini*, e como eu estava sob a pressão do trabalho que temos feito juntos, fiquei tocado com a modalidade com a qual reli alguns capítulos: não como tinha feito em tantas outras ocasiões, ou seja, como parte do percurso para a fé; mas de dentro da fé mesma. Por isso, tomarei a liberdade de retomar alguns capítulos de *O senso religioso* para nos ajudar a entender como Dom Giussani nos guia no caminho que estamos fazendo.

Mas, antes, temos que olhar no rosto a objeção da qual falávamos no início: para nós, acontecimento e trabalho parecem sempre estar em contraste. Este é um exemplo da distância que, às vezes, percebo entre a intenção de seguir Dom Giussani e segui-lo verdadeiramente. Olhem o que ele diz a todos aqueles que contrapõem cristianismo e trabalho: "Jesus Cristo não veio ao mundo para substituir-se ao trabalho humano [esta afirmação já bastaria], à liberdade humana ou para eliminar a provação humana, condição existencial da liberdade. Ele veio ao mundo para chamar a atenção do homem para o fundo de todas as questões, para a sua estrutura fundamental e para a sua situação real. Todos os problemas que, realmente, pela provação da vida, o homem é chamado a resolver, complicam-se ao invés de se solucionarem se certos valores fundamentais não são salvaguardados. Jesus Cristo veio chamar o homem para a verdadeira *religiosidade*, sem a qual qualquer pretensão de solução é uma mentira. O problema do conhecimento do sentido das coisas (verdade), o problema do uso das coisas (trabalho), o problema da consciência do que as coisas são (amor) e o problema da convivência humana (sociedade e política), não são justamente direcionados e por isso geram cada vez mais confusão na história dos indivíduos e da humanidade, na medida em que não se fundamentam na religiosidade, na tentativa da sua solução ('Quem me segue terá a vida eterna e o cêntuplo nesta terra'). Não é tarefa de Jesus resolver os vários problemas, mas chamar a atenção para a postura com a qual o homem, mais corretamente, pode procurar resolvê-los. Cabe a cada homem empenhar-se nesse trabalho, que existe exatamente em função daquela procura"[8].

E ainda: "A insistência sobre a religiosidade é o primeiro dever do educador, isto é, do amigo, daquele que ama e quer ajudar o homem no caminho rumo ao seu destino. E o humano não existe originalmente senão no indivíduo, na pessoa. Toda a mensagem de Jesus Cristo é essa insistência. Não podemos começar a compreender o cristianismo a não ser partindo dessa sua origem apaixonada pela pessoa humana"[9].

---

[8] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, pp. 141-142.

[9] *Ibidem*, pp. 125-126.

E como se não fosse suficientemente claro, Dom Giussani observa ainda que a tarefa da Igreja é a mesma: "A Igreja, portanto, não tem como tarefa direta fornecer ao homem a solução dos problemas que ele encontra ao longo do seu caminho. Vimos que a função que ela declara ser sua na história é a educação ao senso religioso da humanidade, e vimos também como isto implica o chamamento a uma postura certa do homem diante do real e das suas interrogações, postura certa que constitui a melhor condição para encontrar respostas mais adequadas para essas interrogações. Acabamos também de sublinhar que a série dos problemas humanos não poderia ser subtraída à liberdade e à criatividade do homem, quase como se a Igreja tivesse de lhe dar uma solução já confeccionada"[10].

Por isso, a melhor homenagem que podemos oferecer a Dom Giussani no quinto aniversário da sua morte é o nosso seguimento, não apenas intencional, mas real. Poderemos ver, assim, como, cinco anos após a sua morte, ele continua a ser mais pai do que nunca para nós e, se formos verdadeiramente disponíveis, como ele nos gera.

Um gesto destas dimensões não pode ficar em pé sem a contribuição do sacrifício de cada um de nós na atenção aos avisos, ao silêncio, às indicações; este sacrifício é a modalidade do nosso pedido a Cristo de que tenha piedade do nosso nada, que não nos deixe cair no nada também nesses dias. Trata-se da possibilidade de criar um clima de silêncio adequado para que a semente que plantamos hoje, quando escutamos algo, não caia no caminho, não encontrando o terreno para germinar. Porque sem o silêncio tudo desaparece em meio minuto. Impressiona-me sempre que o silêncio nasce exatamente deste acontecimento: a Sua palavra me enche de silêncio. O silêncio não é apenas por uma questão de ordem, é a única resposta adequada para o acontecimento.

[10] L. Giussani, *Por que a Igreja*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p. 262.

SANTA MISSA

HOMILIA DE PADRE MICHELE BERCHI

Diante da provocação de Jesus, podemos estar aqui, nesta noite e nestes dias, com a mesma posição de Saulo, de Paulo – *"Quem és tu, Senhor?"*. Deixarmo-nos ser derrubados da nossa presunção, da nossa distração ou do nosso cinismo, e permitir que Alguém nos tome pela mão, como a Saulo, e nos conduza, para que os nossos olhos se abram a Ele, a Ele que nós todos encontramos em nosso caminho. Ou então, podemos estar aqui com a mesma posição dos judeus: cheios de amargura, de aspereza.

Sou eu que decido como vou estar diante do Senhor que me diz: "Tu tens fome de mim, toda a tua vida tem fome e sede de mim. Não te dês por satisfeito, não te dês por satisfeito nem mesmo com o milagre que teus olhos viram". Ele disse isso àqueles que O haviam visto multiplicar os pães, e o disse de novo a nós nesta noite: "Não te dês por satisfeito nem mesmo com a grandeza deste gesto, com o milagre que é este gesto. Tu tens fome de mim, da minha presença viva. Não foi suficiente o maná no deserto para os teus pais, não foi suficiente a multiplicação dos pães, teus pais morreram", assim como, para nós, não basta este gesto para que vivamos. "Se este gesto não te traz até Mim – nos diz o Senhor, nesta noite –, não serve".

O único perigo verdadeiro, para nós, é estar aqui desejando menos do que isso, menos do que Ele; querendo se satisfazer com menos do que tudo, aquele tudo que Tu és, para nós, Senhor; aquele tudo que é mais do que conseguimos imaginar, aquele mar de misericórdia, para mim, que és Tu, Senhor.

Peçamos a Nossa Senhora que nos ajude a mudar de posição, se for necessário mudar, para que não nos satisfaçamos nunca – sobretudo nestes três dias – com nada menos do que com o Seu Filho.

Sábado, 24 de abril, manhã

Na entrada e na saída:
Franz Schubert, Sonata para violino e piano, D 821
Mstislav Rostropovich, violoncelo – Benjamin Britten, piano
"Spirto Gentil" n. 18, Decca

Padre Pino. Jesus Cristo não veio ao mundo para substituir o nosso trabalho humano, a liberdade humana, ou para eliminar a provação humana. Ele veio ao mundo para levar o homem ao fundo de todas as questões, à sua estrutura fundamental e à sua situação real.

Angelus

Laudes

■ **PRIMEIRA MEDITAÇÃO**
Julián Carrón

Só o divino pode "salvar" o humano

Temos um objetivo claro: superar a fratura entre o saber e o crer, para que possamos apoiar toda a vida em algo verdadeiro, real, que nos permita viver tudo de um modo novo. Por tudo o que dissemos, para alcançar esse objetivo é preciso superar a falta do humano.

1. A provocação do real

O que movimenta o humano? "Se eu abrisse pela primeira vez os olhos neste instante, saindo do seio de minha mãe, ficaria dominado pela maravilha e fascínio das coisas, como de uma 'presença'"[11]. Dom Giussani explica: "Antes de tudo, é claro que o maravilhamento do qual falamos constitui uma *experiência de provocação*. Abrindo os olhos para a realidade, tenho diante de mim algo que provoca a uma abertura.

[11] L. Giussani, *O senso religioso*, Universa, Brasília 2009, pp. 155-156.

O modo com que o real se me apresenta solicita uma outra coisa [por isso a realidade suscita em mim esta abertura, educa-me não com um discurso ou com um apelo moral, mas provocando-me]. O olhar para a realidade não causa em mim um resultado como sobre uma película fotográfica; não me 'impressiona' com a sua imagem e basta, mas me impressiona e me move. O real me solicita, dizia eu, a buscar alguma outra coisa além daquela que imediatamente me aparece. A realidade prende a nossa consciência de tal forma que esta pré-sente e percebe alguma outra coisa."[12]. Imaginem que eu chegue para dar aula aos jovens e me apresente com um aparelho elétrico que eles nunca viram e que, na hora de fazê-lo funcionar, eu perceba que deixei o cabo na sala dos professores. O que acontecerá se eu abandonar a sala para ir buscar o cabo? Quem já foi professor adivinhará com facilidade: todos se levantarão e se aproximarão do aparelho para ver o que é. Se alguém não se levantar, para mostrar que não é como os outros, precisará de mais energia para resistir à curiosidade do que para atender à solicitação da presença do aparelho. Diz María Zambrano: "O homem não se dirige à realidade para conhecê-la melhor ou pior, a não ser depois de tê-la sentido como uma promessa, como uma pátria, da qual, em princípio, espera tudo, na qual crê possível encontrar tudo"[13].

Por isso, "diante do mar, da terra, do céu e de todas as coisas que neles se movem, eu não fico impassível; sou animado, movido, comovido pelo que vejo, e esse pôr-se em movimento é por uma busca de alguma outra coisa"[14]. Animado, movido, comovido: "Sou perturbado por essa relação com o real, e empurrado para além do imediato"[15].

Se o real tem essa capacidade de prender o eu e movê-lo assim, imaginem que força terá sobre o eu a Presença tão excepcional, carregada de um poder de atração correspondente ao coração capaz de provocar um apego sem igual! Porque com o cristianismo acontece a mesma dinâmica que com o real, porém ainda mais potencializada, porque realizada em grau extremo. "O coração deles [de João e André], naquele dia, havia-se deparado com uma presença que correspondia inesperada e evidentemente ao desejo de verdade, de beleza, de justiça que constituía a sua humanidade simples e não presunçosa. Desde então, mesmo traindo-o e entendendo-o mal mil vezes, não o teriam mais abandonado,

---

[12] *Ibidem*, p. 169.
[13] M. Zambrano, *I beati*, Feltrinelli, Milão 1992, p. 106.
[14] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 169.
[15] *Ibidem*, p. 154.

tornando-se d'Ele"[16]. É a mesma experiência que Dom Giussani testemunhou na Praça São Pedro em 1998: "Só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade. É a surpresa de Dionísio, o Areopagita (século V): 'Quem poderá jamais falar do amor ao homem que é próprio de Cristo, transbordante de paz?'. Repito estas palavras a mim mesmo há mais de cinquenta anos! [...] Era uma simplicidade de coração que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, daquela maneira imediata cheia de certeza, como acontece diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte da nossa pessoa, nos tocam até ao coração"[17].

Por qual motivo o encontro tem essa força sobre o eu? "O *encontro* com um acontecimento objetivo originalmente independente da pessoa [...] ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca. Chama-se *graça da fé*"[18]. E por qual motivo essa realidade excepcional toca tão fortemente o eu, amplificando a sua capacidade de conhecimento? Pela "*consciência da correspondência* entre o significado do Acontecimento com o qual a pessoa se depara e o significado da sua própria existência [as exigências constitutivas do eu]"[19]. Por isso a experiência cristã eleva em grau máximo a razão e a liberdade, coloca em movimento todo o eu mais do que qualquer outra coisa, justamente porque – como diz Edith Stein – "*ao mesmo tempo* em que o compreendo, ele toma por inteiro o meu centro pessoal e eu me apego a ele"[20].

2. O sinal

Qual a dinâmica que é gerada no eu o ser tão fortemente ligado na relação com o real? "Uma coisa que se vê e se toca e, ao ser vista e tocada, move-me em direção a outra, como se chama? Chama-se sinal. [...] Esse é o método com o qual a natureza chama nossa atenção para outra coisa além dela mesma: o método do sinal"[21]. Não é um discurso, uma ordem: é uma realidade que me move, me comove, me provoca, me levanta. E essa já é a grande correção que nos faz Dom Giussani: o que

---

[16] Cf. L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, p. 17.
[17] Cf. L. Giussani, *"Na simplicidade do meu coração cheio de letícia Te dei tudo", in Litterae Communionis n. 63, p. 7.*
[18] L. Giussani*, Educar é um risco*, EDUSC, Bauru 2004, p. 90.
[19] *Ivi.*
[20] E. Stein, *Natura Persona Mistica*, Città Nuova, Roma 1997, p. 105.
[21] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 171.

conta não são os nossos pensamentos, os nossos propósitos, mas essa lealdade ao real. Podemos começar a identificar quando começa a faltar o humano: quando sucumbimos à tentação de parar esse movimento. E Dom Giussani dá alguns exemplos para facilitar o nosso entendimento do que ele quer dizer: "Não seria racional quem, num cruzamento, diante de uma placa de sinalização, tivesse a pretensão de reduzir o seu sentido à simples constatação de que se trata de um poste com uma seta pintada sobre uma placa, negando a existência de outra coisa à qual eles se referem. A percepção desse feito não seria adequada à energia com que o homem encara aquele poste e aquela seta. Não seria humanamente adequado envolver-se com esse evento esgotando a sua experiência no seu aspecto imediato"[22]. O mesmo diz do impacto provocado pelas flores que ganhamos de presente: "Não seria um olhar humano frente à presença daquelas flores a não ser aceitando o convite contido naquele elemento. E o convite consiste numa provocação a perguntar 'por qual razão?'"[23]. Isso acontece com toda a realidade: "Analogamente, não seria uma maneira humana de encarar a realidade do mundo aquela que bloqueasse a capacidade do homem de penetrar na busca de outra coisa, já que, enquanto homens, somos solicitados pela presença das coisas. Esta é [atenção!], na realidade, a atitude positivista: o bloqueio total do humano"[24]. Essa é a falta do humano: o bloqueio total do humano!

Como é que Cristo vem ao nosso encontro, não para nos substituir, mas para nos ajudar? "Para o cristão compenetrado da consciência da presença de Cristo, para o homem novo, cada coisa é nova criação. O Evangelho documenta com discretíssimas referências o olhar com o qual Jesus via a natureza: como mostrava aos discípulos as flores do campo, os pássaros no céu, as figueiras e as vinhas da sua terra, a vista da cidade que amava. Nele, a consciência do nexo entre o objeto do seu olhar e o destino, o Pai, tinha uma transparência imediata. Para Ele, cada coisa surgia do gesto criador do Pai, e por isso era milagre. Assim, quanto mais a pessoa vive a fé na presença de Cristo na Igreja, tanto mais a admiração pelos sinais de Deus se acenderá também na situação mais escondida, até no despontar do pensamento mais secreto. Então, não é necessário um choque particular para relembrar a grande origem que constitui a vida, bastará a normalidade do instante. O olho, fixando um ponto, é levado a abraçar todo o resto, e só assim aquele ponto ad-

[22] Cf. *Ivi*.
[23] Cf. *Ibidem*, pp. 171-172.
[24] Cf. *Ibidem*, p. 172.

quire sua verdadeira proporção. Em semelhante 'abraçar todo o resto' situa-se a dimensão religiosa da consciência. Muitas vezes vivemos a vida sem essa visão global, como se tivéssemos um defeito que parcializa o nosso olhar, ao passo que a nascente da estética, do *ethos*, do verdadeiro, é a totalidade"[25].

Como seria a vida, amigos, se todos os momentos, inclusive os mais escondidos, fossem preenchidos por essa intensidade! Para isso precisamos que Alguém nos liberte desse defeito que parcializa o nosso olhar: Cristo veio justamente para nos libertar desse defeito, abrindo-nos para a totalidade. Como? Unindo-nos a Ele, fazendo brotar toda a nossa afeição, toda a nossa liberdade e a nossa razão. "A fé cristã nasce como apego pessoal a esse encontro. Diz Romano Guardini, na sua mais bela página, que 'uma certa analogia dessa situação é percebida pela pessoa para quem uma outra adquire significado essencial; isso pode acontecer de um modo tão forte que o mundo todo, o destino, o dever, se realizam como ocorre com a pessoa amada: ela parece estar presente em tudo, todas as coisas trazem a lembrança dela, ela dá sentido a tudo. [...] Na experiência de um grande amor, tudo se torna um acontecimento no seu âmbito'"[26]. Acontecimento: todas as coisas são acontecimentos porque me relaciono com tudo através da comoção da pessoa amada e, então, tudo fala comigo, me surpreende, como diz Abraham Heschel: "Nós não nos damos conta do mistério somente quando chegamos ao cume da reflexão ou ao observar acontecimentos estranhos e extraordinários, mas sobretudo quando percebemos o acontecimento surpreendente de existirem os acontecimentos"[27]. Acontecimentos que antes pareciam óbvios e que agora começam a surpreender- nos: e a vida passa a ser totalmente diferente, embora com os mesmos fatores.

É para isso que Ele veio: para nos ajudar. Mas nós podemos resistir, como Jesus censura no Evangelho: "Dizia ainda às multidões: 'Quando vedes uma nuvem no horizonte, logo dizeis *vem chuva*, e assim acontece. E quando sopra o vento sudeste, dizeis *vai fazer calor*, e assim acontece. Hipócritas! Sabeis avaliar o aspecto da terra e do céu, mas este tempo não sabeis julgar?'"[28]. Por qual motivo não reconhecem os acontecimentos e os sinais que Ele põe diante deles? Não porque são tontos. A acusação de hipocrisia é adequada porque o povo tem sufi-

[25] L. Giussani, *Por que a Igreja*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

[26] L. Giussani, "Comunione e Liberazione oggi", in *Quaderni Mazziani*, n. 1, pro manuscripto, Pádua 1985-1986 (1986), p. 40.

[27] A.J. Heschel, *Dio alla ricerca dell'uomo*, Borla, Roma 1983, p. 76.

[28] Lc 12,54-56.

ciente inteligência para reconhecer os sinais do tempo (a nuvem e o vento sudeste), por isso deveria também ser capaz de reconhecer os sinais da ação de Deus. Para isso não temos álibi! Se não o fazemos, não é porque somos incapazes, mas porque não estamos disponíveis para fazê-lo.

3. "Pode um homem nascer de novo, sendo velho?"

É por causa dessa nossa indisponibilidade que, muitas vezes, nos vem a pergunta: depois de tudo o que aconteceu comigo, e continua a acontecer, é possível? Pode um homem nascer de novo, sendo velho? Era a pergunta de Nicodemos, que reconhece, pelos sinais, que Jesus vem de Deus. Mas pelo comentário às palavras de Nicodemos entendemos que Jesus captou perfeitamente onde estava a dificuldade: se alguém não se deixa gerar por aquilo que reconhece, não pode ver o Reino de Deus. É a mesma condição que encontramos indicada no Evangelho de Mateus: "Em verdade vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus"[29].

O problema é claro: é possível o renascimento do eu, a completa realização do humano na dinâmica do relacionamento com a realidade e consigo mesmo (que, de outro modo, é bloqueada, mortificada, mutilada)? Se o cristianismo não penetra tão profundamente na vida de alguém, significa que não se tornou um acontecimento na vida da pessoa; se é acontecimento, determina uma diversidade na fonte do eu, que se expressa, antes de tudo, no modo de olhar, de se relacionar com o real. Aí se joga toda a razoabilidade, toda a utilidade, toda a pertinência da fé à vida. Na verdade, se a fé não produz uma mudança capaz de tocar a raiz do eu, não serve para nada.

A resposta de Jesus à pergunta de Nicodemos é explícita: o homem não pode renascer sozinho, isso é impossível; só pode renascer, ser gerado uma segunda vez pelo alto, pelo Espírito. E é sintomático que aí, no texto grego, os verbos estejam todos no passivo: ser gerado é obra de um Outro, é uma graça.

Prossegue o episódio evangélico: "Nicodemos replicou: 'Como isso pode acontecer?' Jesus respondeu: 'Tu és mestre em Israel e desconheces essas coisas? Em verdade, em verdade te digo, nós falamos daquilo que sabemos e testemunhamos o que vimos; mas vós não aceitais o

[29] Mt 18,3.

nosso testemunho. Se vos falo das coisas da terra e não credes, como podereis crer se vos falar das coisas do céu? Porém, ninguém jamais subiu ao céu, a não ser o Filho do homem que desceu do céu. E como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim é preciso que o Filho do homem também seja exaltado, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna'"[30]. Aí aparece em ato toda a dialética entre a razão e a liberdade frente à pessoa de Jesus. A moralidade aplica-se às coisas da terra, nos sinais, nos milagres, nos eventos que acontecem, isto é, na atitude que assumimos frente a uma palavra ou a um gesto de Jesus, tal como aquele que se assume frente aos sinais do céu que indicam que amanhã vai chover.

As "coisas do céu", através da dinâmica da Encarnação, tornaram-se "coisas da terra", que podemos tocar com as mãos, como diz São João: "O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos tocaram, ou seja, o Verbo da vida (pois a vida se fez visível, nós a vimos e disso damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna, que estava junto do Pai e se tornou visível a nós), o que vimos e ouvimos nós o anunciamos também a vós, para que vós também estejais em comunhão conosco. A nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo"[31]. Na realidade, só uma pessoa conhece as coisas do céu, e é Aquele que desceu do céu, Jesus. Por isso, o discernimento das coisas do céu passa pela atitude que se assume frente a essas coisas terrenas, que são os sinais e as palavras de Jesus. Mas para isso a pessoa precisa estar disponível: se ela não nasce da água e do Espírito, não pode renascer. Aí encontramos uma clara referência ao Batismo, que é quando começa esse renascimento para cada um de nós.

A obra do Espírito não se esgota no gesto do Batismo e nos demais sacramentos; ela continua a atuar durante toda a vida. Como? João Paulo II, num encontro com os sacerdotes do Movimento, em 1985, diz de forma definitiva: "[A Graça sacramental] encontra [...] a sua forma de expressão, o seu modo de operar, a sua concreta incidência histórica, mediante os diversos carismas que caracterizam um temperamento e uma história pessoal"[32]. Portanto, essa ação do Espírito continua a chegar até nós através do carisma, através daquilo que o Espírito realiza

[30] Jo 3,9-15.

[31] 1Jo 1,1-3.

[32] João Paulo II, "Discurso aos sacerdotes participantes de um curso de Exercícios espirituais promovido por Comunhão e Libertação", Castel Gandolfo, Roma, 12 de setembro de 1985.

diante de nós, desafiando-nos a todo o momento. É na resposta ao que Ele faz que nós podemos ver a nossa disponibilidade (ou não) a seguir, a sermos gerados, a sermos educados.

4. O humano em ação

O impacto do homem com o real – afirma Dom Giussani –faz-nos descobrir o "caráter exigencial da experiência existencial"[33]. O real faz com que venham à tona todas essas exigências constitutivas do meu eu: verdade, justiça, amor, felicidade. Podemos resumir essas exigências na grande pergunta: *quid animo satis?*[34]. "O homem não criou o gosto pelo infinito e o amor por aquilo que é imortal. Esses instintos sublimes não nascem de um capricho da sua vontade: eles têm um fundamento imóvel na sua própria natureza; eles existem independentemente dos seus esforços. O homem pode criar obstáculos e distorcê-los, mas não destruí-los"[35].

E de novo podemos dizer: se é próprio do real saber despertar essas exigências que fazem parte da nossa constituição, nenhuma realidade é tão poderosa nesse sentido quanto o Acontecimento cristão. Escreve Dom Giussani que "a pessoa encontra-se a si própria num encontro vivo, ou seja, numa presença [de uma pessoa ou de um grupo] com a qual se defronta e que exerce sobre ela uma atração [...], quer dizer, provoca para o acontecimento de que o nosso coração, com aquilo que o constitui, com as exigências que o constituem, está ali, existe"[36]. Nenhuma outra coisa como o encontro faz com que venham à tona as exigências constitutivas do nosso eu.

O cristianismo é um acontecimento que faz com que o eu renasça, isto é, faz com que venham à tona todas as nossas exigências, e devemos vê-lo pelo modo como nos relacionamos com o real; cada um de nós pode fazer a verificação pela maneira como nos movemos (ou não) diante dos acontecimentos que enchem os jornais nestes dias e que levaram o Papa às lágrimas, domingo, em Malta. Todos, diante das informações que continuaram a aparecer nos jornais, sentimos a urgência de levar em consideração o grito de justiça que vem à tona a partir dessas

---

[33] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 172.

[34] "O que é suficiente para o espírito?" Cfr. A. Gemelli, *Il Francescanesimo*, Edizioni O.R., Milão 1932, cap. XIII.

[35] A. de Tocqueville, *La democrazia in America*, Giulio Einaudi editore, Turim 2006, p. 591.

[36] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 182.

denúncias de pedofilia. Trata-se, como no caso de Eluana, de um evento público que ninguém pode ignorar, e que nos obriga a reagir, a dar uma resposta aos colegas, aos familiares, a nós próprios. A vida, quer queiramos quer não, faz sempre com que venham à tona as nossas exigências, mas neste caso o tamanho da aposta é ainda mais dramático, porque envolve um desafio para a fé. Cada um pode olhar como a enfrentou. Essa é uma circunstância da qual o Mistério não poupa ninguém, é um episódio que, vivido assim, tem um valor educativo. Não poucos ficaram desconcertados, ou até mesmo perdidos. Uma pessoa escreveu-me: "Eu não consigo ficar perante essa questão". E uma outra: "Perante essa provocação escandalosa, sentimos, de algum modo, a tentação de nos escandalizar como todos, embora logo entendendo, naturalmente, o quanto de instrumentalização há em todo esse episódio". A vida desafia-nos! Para mim, sobretudo, foi um desafio abordar esse tema, que me lançou ao trabalho; e eu fico contente quando não sou poupado de nada e preciso enfrentar as mesmas circunstâncias que todos enfrentam, porque para mim é uma ocasião de verificação da fé e de crescimento, ao levar em consideração tudo o que acontece. E o resultado foi o artigo publicado no jornal *La Repubblica*: comecei por reconhecer que "nunca antes, como diante do dolorosíssimo evento da pedofilia, todos nós nos sentimos tão assustados. Assustados pela nossa incapacidade de responder à exigência de justiça que emergia do profundo do coração. O pedido de responsabilidade, o reconhecimento do mal feito, a reprovação dos erros cometidos na condução dos eventos, tudo nos parece totalmente insuficiente diante deste mar de mal. Nada parece bastar. [...] Tudo isso serviu para colocar diante dos nossos olhos a natureza da nossa exigência de justiça. É sem confins. Sem fundo. Tanto quanto o é também a profundidade da ferida. Incapaz de ser esgotada tão infinita é [é a nossa exigência de justiça, que é igual à dos outros, e por isso podemos compartilhar com os outros o mesmo grito]. [...] Deste ponto de vista, os autores dos abusos encontram-se, paradoxalmente, diante de um desafio semelhante ao das vítimas: nada é suficiente para reparar o mal feito. Isto não quer dizer tirar deles a responsabilidade, muito menos a condenação que a justiça poderá impor-lhes"[37]. Nem que paguem toda a pena será suficiente, como dizia o presidiário Marino, de Pádua, que participou da via-sacra: "Pagar não significa apenas cumprir todos os dias de uma longa condenação [...], quer dizer também conviver com um peso na consciência que o passar do tempo não conseguirá aliviar,

[37] J. Carrón, "Feridos, voltamos para Cristo", in *la Repubblica*, 4 de abril de 2010, pp. 1.7.

porque se renova a cada dia e te acompanha à noite [eis aí, exigência de justiça]. Pelo que me diz respeito, é como se eu nunca estivesse sozinho, tenho a sensação de viver com a pessoa que ajudei a matar durante uma tentativa de assalto". Todos percebemos a desproporção, a incapacidade diante da urgência de justiça que sentíamos queimar dentro de nós; mas quantos avaliaram a sua infinitude, isto é, o sinal constituído pela própria exigência? Aí se vê o diferente uso da razão: a alternativa entre a fidelidade à dinâmica original da razão diante do real ou então a traição a ela, o assassinato do humano, a falta do humano.

Dom Giussani nos adverte: "Um olhar para o impacto contínuo da consciência do homem com a realidade que bloqueasse a dinâmica do sinal, que detivesse este 'remeter a outra coisa' que constitui o coração da experiência humana, seria um assassínio do humano, travaria indevidamente o ímpeto de um dinamismo vivo"[38]. Bloquear, segurar, travar: são verbos que indicam sempre essa falta do humano. O problema, então, é aprender onde me bloqueio, onde me travo, para depois retomar o caminho.

Por qual motivo paramos? Por qual motivo bloqueamos a urgência, a exigência? Por dois motivos: ou por preconceito, isto é, reduzindo a exigência de justiça à nossa própria medida (porque assim, além de poder continuar a acusar a única pessoa que a enfrenta de verdade, o Papa, evita-se o confronto com a própria incapacidade de fazer verdadeiramente justiça); ou por impotência, isto é, pela incapacidade de encarar essa exigência (percebendo uma solidão que nada mais é que a incapacidade de estar diante do real).

5. A contemporaneidade de Cristo

Então, o que nos permite enfrentar todas as exigências e não sucumbir? A resposta a essa pergunta foi testemunhada pelo Papa com a sua carta e os seus gestos. O que permitiu ao Papa enfrentar com coragem e determinação todas as exigências de justiça que caíram sobre os seus ombros? "É mesmo o seu reconhecimento da verdadeira natureza da nossa necessidade, do nosso drama, o único modo para salvar – para levar a sério e para considerar – toda a nossa exigência de justiça. 'A exigência de justiça é uma pergunta que se identifica com o homem, com a pessoa. Sem a perspectiva de um outro, de uma resposta que está

[38] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 172.

para além das modalidades existenciais experimentáveis, a justiça é impossível... Se fosse eliminada a hipótese de um *além*, aquela exigência seria sufocada artificialmente' (Dom Giussani). E como é que o Papa a salvou? Apelando ao único que pode salvá-la. Alguém que torne presente o além no aquém: Cristo, o Mistério feito carne. 'Ele mesmo vítima de injustiça e do pecado. Como vós, Ele carrega ainda as feridas do seu injusto sofrimento. Ele compreende a profundidade da vossa pena e a persistência do seu efeito nas vossas vidas e nos vossos relacionamentos com os outros, inclusive os vossos relacionamentos com a Igreja'"[39].

Dom Giussani explica-o muito bem: – "Só o divino pode 'salvar' o homem, isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino só podem ser 'conservadas' – ou seja, reconhecidas, proclamadas e defendidas – por Aquele que é o seu sentido último"[40]. Nós só podemos reconhecer, sem susto, todas as nossas exigências, se Cristo permanecer como uma experiência real no presente. Se o eu renasce num encontro, temos necessidade da contemporaneidade de Cristo no presente para descobrir, para encarar toda a natureza do eu. O método é sempre o mesmo: é Algo que vem antes, não só no início, mas em cada passo da caminhada. Se o acontecimento de Cristo, pelo contrário, se cristalizar numa doutrina, se for reduzido a ética ou a espiritualismo, não será mais capaz de despertar todo o humano e, portanto, de encarar as verdadeiras exigências humanas. Se não fosse por essa sua paixão por Cristo, o Papa não teria sido capaz de olhar de frente a situação e não ceder ao medo das consequências que poderiam vir; pôde enfrentá-la porque está seguro, porque se apoia na plenitude da presença única de Cristo, que torna possível agir assim. Nós poderemos encarar toda a exigência de justiça, todas as exigências do nosso eu, sem sucumbir ou reduzi-las às imagens que vemos nos meios de comunicação, se, como ele, estivermos apoiados na plenitude, se formos sustentados pela presença de Cristo. A experiência de Cristo agora – agora! – é decisiva para ter toda a dimensão do humano. E só é possível porque é permeada pelo Mistério. Só o divino pode salvar o humano. Então podemos perceber também aqui a pertinência da fé em relação às exigências da vida. "Apelar a Cristo, portanto, não é buscar um subterfúgio para escapar diante da exigência da justiça, mas é o único modo para realizá-la plenamente"[41]. Basta ver – *Passos* abordou isso – o que escreveram os

[39] J. Carrón, "Feridos, voltamos para Cristo", in *Passos Litterae Communionis*, maio/2010, p. 24.
[40] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro 2003, p. 120.
[41] J. Carrón, "Feridos, voltamos para Cristo", op. cit., p. 24.

prisioneiros de Pádua, ou como pessoas que sofreram injustiças (a viúva Coletta e Gemma Calabresi) puderam enfrentar essa exigência de justiça.

Parafraseando São Paulo, podemos dizer que, depois da queda, o dom da graça não é só uma restituição da justiça, mas uma superabundância: "A lei sobreveio para dar plena consciência da queda, mas lá onde abundou o pecado superabundou a graça, porque como o pecado reinou com a morte, assim reine também a graça com a justiça para a vida eterna, por meio de Jesus Cristo nosso Senhor"[42]. Alguém me perguntou: "Faz uns dez dias que leio esse artigo [do *La Repubblica*] e gostaria de entender de onde nasce esse juízo". A resposta é simples: esse juízo nasce do seguimento do carisma. Temos diante de nós alguém para seguir, alguém que nos ensinou a ficar escancarados diante dos acontecimentos para ampliar a razão. Eu vejo crescer em mim, a todo o instante, uma gratidão cada vez mais intensa e consciente a Dom Giussani. Deus teve piedade de nós ao levar-nos a encontrá-lo, porque ele nos testemunhou e propôs um caminho que cada um pode decidir percorrer ou não.

É possível renascer de novo, mesmo quando velhos, se estivermos dispostos a deixar-nos gerar pela força do Espírito, que nos alcança de modo especial através da graça do carisma, sem reduzi-lo à nossa própria medida ou à nossa própria imagem. Essa é a contemporaneidade de Cristo para nós, a única capaz de nos permitir estar diante do real como homens; trata-se de um caminho que, na cultura europeia, foi interrompido séculos atrás, porque muitos pensaram que podiam percorrê-lo sozinhos, achando que, para chegar à verdade, a mediação da tradição cristã era algo dispensável, que impunha à razão uma inútil diversão (não posso, agora, desenvolver esse ponto).

Quero enfatizar dois corolários decisivos.

a) Exigência de justiça e razoabilidade da fé

É só levando a sério toda a exigência de justiça que eu entendo a razoabilidade da fé, porque é a essa exigência de justiça não reduzida que só Cristo pode responder; enquanto que se for reduzida, não precisarei de Cristo, porque acho que consigo cumpri-la com as minhas próprias mãos (mas depois não seremos capazes de enfrentar a vida, quando apertar...). Por isso, só quem encara toda a exigência de justiça pode perceber a pertinência da fé às exigências da vida; quem, pelo con-

[42] Rm 5, 20-21.

trário, reduz essa exigência, por medo ou preconceito, inevitavelmente perceberá a fé como algo sobreposto, não captando sua necessidade existencial.

b) Dignidade cultural da fé

Sem um caminho assim, não conseguimos ter um rosto diferente e original na sociedade; mas somos como todos, reagimos como todos, com os mesmos critérios de todos: a mentalidade original é mais decisiva do que a mentalidade que nasce do encontro feito, e isso torna-nos inúteis e supérfluos, condenados a desaparecer com o tempo. Recentemente, o cardeal Angelo Scola comentou uma convicção de Giussani: "'Pareceu-me, então, claro que uma tradição ou, mais genericamente, uma experiência humana não pode subsistir no fluir do tempo a não ser na medida em que chegue a expressar-se e a comunicar-se segundo modos que tenham uma dignidade cultural'. Mas essa dignidade cultural só é possível a partir da experiência de um sujeito, pessoal e comunitário, bem identificado em seus traços ideais, mas inserido na história, que se proponha, com simplicidade e sem complexos, ao homem *pela força* das suas razões intrínsecas [não pelo poder]. Tal sujeito não teme um confronto em campo aberto"[43].

Por isso devemos superar esse dualismo, como relata um de vocês: "Outro dia eu e a minha mulher fomos convidados para um jantar com amigos que começaram a trabalhar na mesma área que eu. Conversamos sobre o trabalho. Eu dei-lhe um monte de conselhos. Voltando para casa, durante a viagem de carro, a minha mulher confirmou-me que os meus *conselhos técnicos* (assim ela os definiu) eram bons, mas notou que durante todas aquelas horas nos mantivemos na superfície, sem ir à raiz da vida. O verdadeiro problema, notava minha mulher, era que o trabalho duro, do qual os nossos amigos se lamentavam, era uma ocasião de verificação da própria fé, mas parecia que nenhum dos que estavam em torno da mesa havia entendido. O ponto é que quando a minha mulher pronunciou as palavras *verificar a fé*, recebi como que um soco no estômago e fiquei com uma sensação estranha. Imediatamente percebi que a minha mulher tinha razão, mas essa sensação estranha, embora tenha durado pouco tempo, deixou evidente que o que prevalece em mim é esse dualismo de que nos tens falado nestes anos e que, para mim, não passava de um conceito vago. Um dualismo talvez oculto sob as cinzas da devoção, e por isso se reza no início e no fim do dia, e

[43] A. Scola, "La convenienza umana del cristianesimo", in *ilsussidiario.net*, 22 de fevereiro de 2010.

talvez até durante, mas no fim a fé permanece como um voluntarismo, em que o que vale é o que eu consigo fazer, e Deus fica só como pano de fundo. Sei que estamos trabalhando nisso há meses, mas volto a pedir-te uma ajuda, não só para entender os termos da questão, mas também porque vejo a certeza e a alegria da minha mulher e de outros amigos, e desejo para mim essa mesma certeza e essa mesma alegria, que intuo derivarem de uma unidade, de um apego a Cristo que eu não tenho".

O sujeito novo não é dualista, porque a mudança diz respeito ao próprio modo de olhar, de perceber, de julgar, de sentir, de manipular, de tratar a realidade (pessoal, social, cultural, política), ou seja, afeta a raiz do eu. A fé, amigos, não se confunde com o modo de conceber e de abordar o real que é próprio de todos (estabelecido pelo contexto, pelo preconceito em voga, pela moda); não é um acréscimo de interioridade e de ética a uma concepção já pronta. Não. A fé torna-se princípio de um modo novo – isto é, verdadeiro – de tomar consciência da realidade. Esse é o desafio que temos diante de nós: a geração de um sujeito que não tema o confronto em campo aberto, porque é justamente o que desejamos. "Eu desejo a certeza e a alegria da minha mulher": o cristianismo comunica-se por inveja, sempre foi assim.

Conclusão: um Tu que domina

Portanto, nós podemos ser diferentes e originais, se é um Tu que domina; e isso só é possível se aceitamos deslocar o nosso centro afetivo. Deslocar o nosso centro afetivo significa "deslocar o centro afetivo do eu para um Tu – para um Tu [que age no real, nos maravilha e nos chama: algo bem diferente de espiritualismo!] –, e isso liberta e torna-nos cheios de alegria [como dizia o nosso amigo ao falar da sua mulher], como a criança se enche de alegria porque a sua mãe está ali perto; o seu centro afetivo é uma outra pessoa e, então, está em equilíbrio. Se a sua mãe sai de perto dela, o centro afetivo recai sobre ela própria [a criança], o sentimento de si altera-se e ela chora, fica desesperada ou violenta, violenta na brincadeira [ou com raiva]. Essa é justamente a mensagem: que o último aspecto da questão é uma presença real, porque Cristo ressuscitou"[44].

É o que Dom Giussani evoca quando nos dá testemunho de Quem predomina nele: "Para entender o que é a traição, devemos pensar na

[44] L. Giussani, *Qui e ora*, BUR, Milão 2009, p. 80.

nossa distração, porque é uma traição passar os dias, as semanas, os meses... olhem para ontem à noite, quando pensamos n'Ele? Quando pensamos n'Ele seriamente, com coração, no último mês, nos últimos três meses, desde outubro até agora? Nunca. Não pensamos nunca n'Ele como João e André pensavam enquanto O ouviam falar. Se nós nos fizemos perguntas sobre Ele, foi por curiosidade, análise, exigência de análise, de busca, de esclarecimento. Mas que tenhamos pensado n'Ele como alguém realmente apaixonado pensa na pessoa por quem está apaixonado (mesmo aqui acontece muito raramente porque tudo é calculado com base no retorno!), puramente, de modo absolutamente, totalmente distanciado, como puro desejo de bem... tanto que se a outra pessoa não reconhece, ele alimenta o desejo do seu bem ainda mais!"[45]. Entende-se o motivo pelo qual um homem dessa estatura pode escrever que "o primeiro objeto da caridade do homem chama-se Jesus Cristo"[46].

É o que vejo acontecer cada vez com mais frequência entre nós. Isto é o Movimento: pessoas dominadas pelo Tu de Cristo; a nossa companhia é plena de testemunhos de pessoas dominadas por esse Tu, que talvez não apareçam, mas são muitíssimas, como vejo todas as vezes que visito as comunidades. Alguém me escreve: "Conto o que aconteceu neste período. A coisa que mais me desconcerta é perceber que Cristo me ama, é a comoção que Ele sente em relação a mim, antes mesmo da minha própria comoção. Não preciso anular os meus desejos. Eu peço tudo e aceito tudo segundo o modo como Ele decide, não existe hoje condição que me determine; o que me determina é aquele olhar bom que Ele me dirige, mesmo diante da doença da minha mulher ou dos meus filhos". Ou esta outra pessoa: "Parece que eu renasci: estou feliz, sinto uma ternura por mim que jamais senti antes. A vida, agora, tem uma intensidade que há muito tempo eu não conhecia. Preocupada com mil coisas, eu simplesmente já não percebia, com comoção, a Sua presença. É verdade que é possível renascer, sendo velho".

Sob a pressão dessa comoção, a pessoa pode amar Cristo em qualquer circunstância; porque sem Cristo a circunstância é insuportável. Por isso sentimos cada vez mais a urgência, a sede desse Tu de que fala o Salmo: "Ó Deus, tu és o meu Deus, ao amanhecer eu te procuro, / de ti minha alma tem sede, / por ti anseia a minha carne, / como terra deserta, / árida, sem água"[47]. Qual é o motivo dessa sede? Qual é a razão desse

[45] L. Giussani, *É possível viver assim?*, Companhia Ilimitada, São Paulo 2008, pp. 273-274.
[46] Cf. *Ibidem*, p. 282.
[47] Sl 63,2.

desejo? Porque a Tua graça vale mais do que a vida, ó Cristo. É isso que é necessário pedir sempre ao Espírito, que torna Cristo sempre presente, nos leva a reconhecê-Lo, nos faz desejá-Lo como o que faz a vida valer a pena, levantar-nos de manhã, ir trabalhar ou ter filhos.

Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam, e desperta em nós esse desejo de Cristo para que possamos conhecê-Lo cada vez mais, não como palavra, mas como experiência indispensável, que torna diferente a vida, em termos de intensidade, de presença a nós mesmos e em relação às pessoas mais queridas ou mais estranhas, a fim de que vivamos tudo sob a pressão dessa comoção, sob o peso dessa comoção que Tu, Espírito, comunicas a nós, na caridade do Mistério! Tu és aquele amor que se espalhou por nossos corações de forma que possamos viver assim: o outro mundo neste mundo!

O Salmo continua: "Assim eu te bendirei até ao fim da vida, / em teu nome levantarei minhas mãos"[48]. É a gratidão que invade toda a pessoa pela novidade que Cristo introduz. Por isso, "no meu leito de ti me recordo, / e penso em ti nas vigílias noturnas, / em ti que foste o meu apoio, / exulto de alegria à sombra das tuas asas. // A ti se apega minha alma / e a força da tua mão me sustenta"[49]. A Ti me agarro com gratidão: "cola-me" cada vez mais a Ti, ó Cristo! Esse estar grudado em Ti é o que me dá força para estar com todo o meu ser no real. Tu és a minha força, não eu: estar agarrado a Ti é a minha força.

[48] Sl 63,5.

[49] Sl 63,7-9.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 9,31-42; Sl 115; Jo 6, 60-69.

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL ANGELO SCOLA, PATRIARCA DE VENEZA

1. *"Deus, na água do Batismo regenerou aqueles que acreditam em ti"*. Assim rezamos na Oração da Coleta. Dentro destes Exercícios Espirituais nos quais participam, de vários modos, membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação de numerosos países do mundo, a ação eucarística que é celebrada torna presente o único e irrepetível evento salvífico de Jesus Cristo. Dado que a regeneração que salva só pode acontecer no presente, então a pessoa amada de Cristo Jesus, presente aqui e agora pela potência do Seu Espírito, regenera, salva-me a mim, a ti, aqui e agora. Sou eu, é cada um de vocês o regenerado, *"o homem novo de que Cristo falava a Nicodemos, o homem que nasce do alto: do alto, isto é do Outro!"*, disse Dom Giussani. E continua: *"trata-se realmente de uma 'concepção' de si, de uma concepção gerada pelo reconhecimento e pela aceitação do Outro como atração que me constitui"* (cf. *Certi di alcune grandi cose*, p. 218).

Dom Giussani fundamenta-se no duplo significado da palavra concepção: no Batismo, todo o homem – cada um de nós o recebeu – é concebido de novo como filho no Filho e, disso, começa para ele, para o batizado, uma nova concepção de si. E Bento XVI descreve-a, de modo sucinto: *"'Eu, mas não mais eu': é esta a fórmula da existência cristã fundada no Batismo, a fórmula da ressurreição dentro do tempo, a fórmula* [eis o presente cristão, 'a ressurreição dentro do tempo'], *a fórmula* – insiste Bento XVI – *da novidade cristã chamada a transformar o mundo"* (*Homilia no Congresso Eclesial de Verona*, 19 de outubro de 2006). "Eu, mas não mais eu".

Caríssimos amigos, eu não sei como é para vocês, mas para mim, mesmo depois de tantos anos de caminho cristão, é impossível não perceber o impacto, quase diria a devastação, que estas afirmações de raiz paulina provocam em nós, mesmo no mar de distração em que, normalmente, estamos imersos, mesmo talvez aqui, neste momento.

O homem é concebido como cristão no Batismo. Mas – sobretudo se o recebeu quando era criança, como a quase totalidade de nós –, o Batismo floresce numa nova concepção de si e de vida quando, para cada um de nós, acontece o encontro pessoal com Cristo na Igreja.

Como foi dito, agora há pouco, pelo padre Julián, este encontro deve-se à graça do carisma que torna persuasiva a graça permanente do Batismo e da instituição eclesial. O Venerável João Paulo II afirmou – e cito aqui uma frase que acabei de dizer, porque é decisiva –: a graça sacramental, objetiva, indispensável, sempre permanente, que deriva do sacramento, da Palavra de Deus e é garantida, em última instância, pela autoridade objetiva da Igreja, esta graça sacramental e institucional que está permanentemente em ação – diz o Papa – *"encontra a sua forma expressiva, a sua modalidade operativa, a sua concreta incidência histórica mediante os diversos carismas que caracterizam um temperamento e uma história pessoal"* (*Discurso aos sacerdotes participantes de um curso de Exercícios Espirituais promovido por Comunhão e Libertação*, 12 de setembro de 1985).

Cada um de nós, cada cristão, deveria realizar o exercício (uso a palavra como a usava Santo Inácio, nos seus *Exercícios Espirituais*) de encontrar e custodiar com precisão, na própria vida, o quando e o como deste encontro pessoal, e voltar a ele continuamente para permanecer fiel a ele.

Todos nós sabemos que cada graça – isto vale para o sacramento e para o carisma – não pode ser possuída de uma vez por todas, não pode ser mantida nas nossas mãos impotentes como uma coisa, nem mesmo simplesmente como uma doutrina bem articulada ou como uma série de comportamentos bem regulados, como se possui um objeto. Por isso, cada um de nós, aqui e agora, somente se for autêntico pode reconhecer-se em Nicodemos, dividido entre lealdade e ceticismo. Pensemos em quantas vezes reaparece, maligna, a nossa medida no uso da razão – *"Como pode nascer um homem, sendo velho?"* (Jo 3, 4); ou quando a liberdade trava – obtusa, ou mesmo inconstante – *"Esta palavra é dura! Quem pode escutá-la?"* (Jo 6, 60). E então, quando somos presas deste ceticismo da razão e da vontade, a realidade já não nos fala, foge de nós como a luz, se a quiséssemos segurar nas nossas mãos impotentes.

2. Quem nos libertará desta última tristeza da vida? Somente a *"testemunha fiel"* (Ap 3, 14). Assim o Apocalipse define Jesus. Ele e quantos O seguem, como nós humildemente também fazemos, como se segue uma presença que se torna o centro afetivo de toda a existência. O carisma vive no encontro histórico com a testemunha, na qual resplandece a novidade do Ressuscitado. É dada ao homem, assim, a possibilidade de re-nascer, como aconteceu fisicamente, pela força da testemunha Pedro, para Tabita, a Gazela ressuscitada da *Primeira Leitura*.

Mas a grande palavra "testemunho" é arrancada de toda a redução moralista, não está confinada nem mesmo a um necessário bom exemplo. O testemunho tem que ser, em toda a sua força, o método de conhecimento da verdade, porque é a moralidade adequada do relacionamento do eu com a realidade. O testemunho é método de conhecimento da verdade porque é o modo com o qual a verdade se comunica, e nós sabemos bem, por experiência, que uma verdade é conhecida apenas quando é comunicada. O re-nascimento batismal permite o encontro de todo o eu com toda a realidade, porque abre e acompanha a liberdade àquela relação boa, constitutiva por excelência, que é a comunhão com o Outro (com letra maiúscula), que nos é garantida por Cristo e, n'Ele, comunhão com todos os irmãos; com Cristo e, n'Ele, com os irmãos. O cristianismo é realmente um novo parentesco, mais forte do que aquela de carne e sangue.

Mas a comunhão é a tal ponto "do Alto", é a tal ponto dom, que de mil modos diferentes podemos opor resistência. Portanto, a pergunta provocadora de Jesus, no Evangelho de hoje – *"Quereis vós também retirar-vos?"* –, é de alguma forma também dirigida a todos nós, aqui reunidos. Ter vindo até aqui com tanto sacrifício poderia, à primeira vista, eximir-nos desta pergunta, mas seria uma injustiça última para com a nossa sensibilidade carregada de razão inclinada à totalidade. A vitalidade do carisma, cinco anos depois da morte de Dom Giussani, pede testemunhas inclinadas a uma humanidade vitoriosa. O carisma insta a liberdade de cada um dos membros de Comunhão e Libertação para que chegue – como a liberdade de Simão Pedro chegou – à verificação, na própria pele, da conveniência do seguimento: a conveniência da pertença a Cristo e à Igreja através da forma gerada pelo carisma de Dom Giussani, do movimento Comunhão e Libertação. E qual foi a verificação que Pedro fez? O Evangelho no-la propõe a todos, em toda a sua evidente força desarmante: *"'Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus!'"* (Jo 6, 69).

3. Como é que o homem de hoje, o homem pós-moderno, que busca a salvação nas surpreendentes descobertas das tecnociências – evolucionismo, biologia, neuro-ciência etc. – e que considera, não raramente, a fé religiosa, no máximo, como uma sugestiva oportunidade consoladora, como é que este homem pode acreditar e reconhecer Cristo como o Salvador, isto é, renascer do alto, do Outro?

A única condição, mesmo na atual conjuntura histórica, continua a ser o encontro com testemunhas de uma humanidade redimida, por isso

plena e conveniente, e portanto radicada na pós-modernidade. Porém, sobre isso, é preciso ser claros.

Viver como homens redimidos não significa ser impecáveis, seria uma monstruosa presunção, mas – como afirmava Agostinho – significa "amar a vida nova", a vida segundo Cristo, ter "o pensamento de Cristo", isto é, pensar como Cristo e pensar Cristo através de todas as coisas, porque somos amados por Aquele que nos ama primeiro: *"Deus prior dilexit nos"*. Afirma Agostinho: *"não amamos se, antes, não somos amados... Procura* – diz ao seu interlocutor – *o motivo pelo qual o homem ama a Deus e só encontrarás isto: porque Deus, antes, o amou"* (*Discurso* 34, 1-3; 5-6).

Vocês percebem isto? Este dado é uma experiência diária – que *Deus prior dilexit te*, que vos está a amar a cada um de vós, antes? É o horizonte da vossa consciência?

Uma testemunha como essa, crível, pode ser reconhecida pela unidade da sua pessoa. A unidade é o valor sobre o qual se funda a experiência elementar do eu. Mas a unidade do eu fortalece-se com relações boas. A partir daquelas relações originárias com o pai e com a mãe, até incluir todas as relações nas quais o homem re-nasce descobrindo, de cada vez, mesmo depois da queda ou do naufrágio, que o desígnio bom do Deus amante e fiel não falha, Ele não cessa de responder à promessa de realização – à qual deves voltar continuamente – despertada pelo encontro com Cristo, na companhia. Este é o feito da autoridade, do aflorar da santidade, que não pode existir e nunca existirá sem a autoridade constituída. A autoridade constituída é a figura humana através da qual se segue, cheio de certeza, *"o desígnio do Espírito de Deus na história e na nossa vida"* (Dom Giussani, *Da quale vita nasce Comunione e Liberazione*).

Unidade do eu, unidade da Igreja guiada pelo Sucessor de Pedro e pelos sucessores dos Apóstolos. E unidade com quem, na companhia vocacional, nascida do carisma do qual se faz parte, recebeu a responsabilidade objetiva de guia. Unidade, portanto, não exterior, não extrínseca, não como obséquio formal, nem mesmo, em última instância, por um cálculo adequado – porque é óbvio que a divisão nunca é prenúncio de fecundidade –, mas a unidade vivida como hábito permanente e virtuoso, a partir do seu coração, da sua mente, da sua ação. Esta unidade, que começa no eu e atinge todas as expressões eclesiais e, tendencialmente, sociais e civis, diz e manifesta, mais do que tudo, a novidade do homem redimido, e assegura a permanência da Igreja na história e a permanência de cada carisma da Igreja. É por isso que a unidade não

teme nunca (nunca!) a correção, de onde quer que ela venha, porque nada pode minar a ocorrência que a unidade, na medida em que é dada do alto, sempre nos precede, mobilizando-nos.

4. *"Que poderei retribuir ao Senhor Deus por tudo aquilo que ele fez em meu favor?"* repetimos com o *Salmo responsorial*. Como não ver o espetáculo desta grande assembleia, da qual participam milhares e milhares de outras pessoas em todo o mundo, como não olhar para isso a partir da óptica do grande dom, do grande benefício que o Senhor nos fez? Pois bem, o que retribuirei, o que retribuiremos? A preferência por cada um de nós, demonstrada pelo Senhor com o dom da fé, do Batismo, e com a participação no carisma de Dom Giussani, torna mais aguda a consciência e mais perturbadora a paixão que, como nos documenta o *Livro dos Atos*, conduziu os primeiros pelas estradas do mundo. Para isso, é útil que não deixemos escapar aquilo que, apenas aparentemente, é um detalhe da *Primeira Leitura*. Descrevendo a vida e a missão de Pedro, diz o *Livro dos Atos*: *"E aconteceu que Pedro, enquanto visitava a todos"* (*Evangelho*).

Neste *"visitava a todos"* estão expressos o horizonte e a natureza própria da missão da Igreja e de cada um de nós. Não há circunstância – favorável ou desfavorável que seja –, nem situação ou relação dentro da existência humana que seja estranha ao dom do Ressuscitado. Nada e ninguém: *"Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus"* (I Cor 3, 22). Por isso, a missão exige uma abertura à realidade inteira e designa para cada um de nós uma responsabilidade bem precisa e pessoal. Ninguém pode substituir cada um de nós nesta tarefa: é pedido a cada um, é-nos pedido assumir, como homens novamente concebidos e continuamente regenerados no Espírito, as circunstâncias vocacionais pessoais e comunitárias, sempre concretas e historicamente situadas, favoráveis ou adversas, feitas de tempo e de espaço, de estado de vida, de afetos, trabalho e repouso, de alegria e dor, de sofrimento, de lutos, de morte, de perspectiva de eternidade, de esperança e de problemas complexos. Tudo, tudo é nosso, para poder documentar a conveniência suprema de gastar a própria existência "em Cristo", como Paulo define o cristão: aquele que existe em Cristo. A missão joga-se em cada lugar e em cada momento, e não poderá nunca ser imaginada como a proposta mecânica de fórmulas ou iniciativas. Reflitam bem, meus amigos: a vida é dada para ser doada. Se nós não a damos, o tempo no-la rouba.

Unidade e missão são a expressão da gratidão ao Senhor e àqueles que nos precederam e acompanharam no Seu seguimento. Antes de tudo ao caríssimo Dom Giussani.

5. Confiemos à Virgem Maria, *Mater Ecclesiae*, o nosso caminho, o futuro repleto de esperança fiável de cada um dos membros de Comunhão e Libertação e do movimento inteiro. Ela é a mãe dos crentes, dos "ressurgentes", dos redimidos, porque o Seu "sim" é a fonte do mundo transfigurado, ambiente de vida dos homens livres, mas livres porque sempre e de novo livres a partir do alto. Amém.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Caríssima Eminência, desejo agradecer-lhe, em nome de todos, porque quis participar destes Exercícios. Ficamos sempre tocados com o seu testemunho de pastor atencioso com o povo que lhe foi confiado, e pela coragem e inteligência com a qual segue o Papa. A sua pessoa – tivemos, hoje pela manhã, a oportunidade de vê-lo outra vez – é o sinal mais evidente de como o carisma de Dom Giussani é fator vivificante de toda a Igreja e fonte de uma humanidade sempre nova. Por isso lhe agradecemos e lhe pedimos que nos seja sempre próximo. Obrigado.

Cardeal Scola. Sou eu quem deve agradecer de novo a todos vocês, ao padre Julián – no vínculo de afeto com Dom Giussani, sempre mais vivo com o passar do tempo –, o testemunho e a documentação de que a comunhão dos santos é mais forte do que a simples peregrinação terrestre, porque ela introduz o Eterno no tempo e, portanto, abre-nos realmente a uma esperança fiável. Assim, devemos viver este nosso tempo pós-moderno. É um tempo de labuta – esta é a imagem mais justa –, não tanto de crise (se continuarmos a falar em crise, tudo o que nasce é a lamentação que paralisa); a labuta é um zelo que antecipa a vida, antecipa a alegria da vida.

Dom Gius sempre – desde os inícios, em 1954, parece-me – olhou assim para o tempo, deixando-nos no mundo em Cristo, por Cristo e com Cristo, não com as nossas forças, humildes mas "atrevidos". Assumamos este nosso tempo como filhos seus, mas sobretudo como filhos de Deus, como gente que sabe que deve invocar, a cada dia, o renascimento a partir do Alto.

Portanto, sejamos testemunhas no tecido concreto do quotidiano, seguindo o carisma em toda a sua força, o Papa como garantia de que o carisma vive na instituição da Igreja e os bispos com ele, oferecendo, instante depois de instante, a nossa vida pela glória da humanidade de Jesus Cristo.

Sábado, 24 de abril, à tarde

Na entrada e na saída:
Franz Schubert, Quartetto d'archi em ré menor, D 810, "La morte e la fanciulla"
Amadeus Quartet
"Spirto Gentil" n. 7, Deutsche Grammophon

■ **SEGUNDA MEDITAÇÃO**
Julián Carrón

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque é deles o reino dos céus" (Mt 5,3)

Nossa tentativa é a de descrever a falta do humano para poder restaurar a fratura entre o saber e o crer. Até agora abordamos o fator da razão, da consciência. Agora vamos abordar outro fator essencial para a definição do homem: a liberdade.

1. Através da liberdade: o humano inteiro

"O homem, como um ser livre, não pode chegar à sua realização, não pode chegar ao seu destino senão através da sua liberdade [...]. Se eu fosse conduzido ao meu destino sem liberdade, não poderia ser feliz, não seria uma felicidade minha, não seria o meu destino"[50]. Que exaltação única do eu! Frente à tentação sempre insidiosa de buscar "sistemas tão perfeitos que ninguém mais precisará de ser bom"[51] – como diz T.S. Eliot –, Giussani exalta de um modo incrível o envolvimento do eu. A razão é a mesma que Platão já dera, tantos séculos atrás, durante um dos seus Diálogos: "*E que vantagem terá* [o ser humano] *ao entrar na posse das coisas boas*? A isso – disse eu – posso facilmente responder: será feliz. Na verdade, é justamente pela posse das coisas boas que são felizes aqueles que são felizes, e não há necessidade de se fazer uma outra pergunta: quem quer ser feliz, com que objetivo deseja ser feliz? Porque a resposta já terá alcançado o seu fim. *Dizes a verdade*, respondeu. *Essa vontade e esse amor crês que sejam coisas comuns a todos os*

[50] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 168-169.
[51] T.S. Eliot, *Cori da "LaRocca"*, BUR, Milão 1994, p. 89.

homens, que todos desejam possuí-las? É justamente isso – respondi –, é uma coisa comum a todos"[52]. É algo comum a todos os homens esse desejo de possuir coisas boas, que sejam minhas. Mas para alcançá-las é preciso amar, aderir, isto é, envolver a nossa liberdade, e isso –sabe-se muito bem – às vezes gostaríamos de evitar, é uma tentação que está sempre à espreita. Escreve Luisa Muraro: "Nós gostaríamos de passar a responsabilidade da nossa vida a alguém; facilmente procuramos alguém a quem possamos dizer: *tome conta da minha vida, por favor*"[53]. E podem estar certos de que sempre se apresentará algum "caridoso" que está disposto a fazê-lo...

Se alguém está à procura de um outro que lhe poupe o uso da liberdade – quer se chame diretor espiritual, chefe ou amigo, é o mesmo – deve ter claro na mente que assim não alcançará a felicidade, que nunca nada se tornará seu, porque eu não posso chegar à minha realização a não ser através da própria liberdade, caso contrário nunca será minha. E se eu não entendo isso – como, infelizmente, tantas vezes vejo que não o entendemos – procurarei sempre descarregar o drama da minha liberdade nas costas de outro. É desse peso que se quer livrar – na famosa lenda de Fedor Dostoievski – o Grande Inquisidor, que censura Cristo pelo dom da liberdade. É impressionante ainda hoje a leitura desse texto: "Em vez de te apossares da liberdade humana, multiplicaste-a, e oprimiste para sempre, com o peso dos seus tormentos, o reino espiritual do homem. Tu quiseste o livre amor do homem, quiseste que ele Te seguisse livremente, encantado e conquistado por Ti. No lugar da antiga lei solidamente fixada, a partir de então era o homem quem devia decidir, com o coração livre, o que era bom e o que era mal, e como único guia teria diante dos olhos a Tua imagem: mas será possível que Tu não tenhas pensado que, no final, ele poderia questionar e rejeitar também a Tua imagem e a Tua verdade, dado que ele era oprimido por um peso tão espantoso como a liberdade de escolha?"[54]. É esse peso que o Grande Inquisidor, todo Grande Inquisidor, quer evitar. O seu programa será aliviar o homem desse insuportável peso, substituindo a liberdade pela autoridade. A humanidade será então reduzida a um rebanho feliz, e a felicidade será paga com o preço da liberdade. Mas tal felicidade jamais será minha!

Às vezes libertamo-nos desse peso e do obstáculo da responsabilidade lançando a culpa para todo o lado (para as circunstâncias, para os

[52] Platão, *Simpósio*, 204E-205°.
[53] L. Muraro e A.Sbrogiò, (org), *Il posto vuoto di Dio*, Marietti, Milão 2006, p. 25.
[54] F.M. Dostoevski, *Os irmãos Karamazov*, Editora 34, São Paulo, 2008.

outros, para a companhia, para a Fraternidade, e sabe-se lá para quem mais), mas é inútil porque – sempre me impressionou esta frase de Dom Giussani – "nenhum resultado humano pode ser imputado exaustivamente a meras circunstâncias exteriores, posto que a liberdade do homem, apesar de enfraquecida [pelo pecado original], permanece marca indelével da criatura de Deus"[55]. É mesmo comovente essa afirmação do homem, que não é reduzido a um fator antecedente de tipo biológico, psicológico, sociológico, ou de qualquer natureza. A liberdade do homem, embora enfraquecida, continua a ser uma marca indelével da criatura de Deus: essa é a nossa dignidade humana! **"**É através da minha liberdade que o destino, o fim, o objetivo, o objeto último pode tornar-se resposta para mim [tanto é verdade que se eu não arrisco verificar o que encontrei através da minha liberdade, não posso ver se me responde, não posso tocar com as mãos, experimentar que é a resposta para mim; e, sem fazer experiência direta, o que me é proposto nunca se tornará meu, mas permanecerá algo externo a mim: não é que eu o coloque em discussão, não é que eu não creia, mas não é meu]. Se não fosse livre, a realização do homem não seria humana, não seria realização do ser humano"[56].

De novo, temos todos os sinais que nos permitem entender quando está presente o humano e quando ele falta. "Ora, se a realização do destino, o cumprimento dele, deve ser livre, a liberdade deve *valer* também na *descoberta* dele. Se a descoberta do destino, do significado último, fosse automática, não seria minha". Essa observação de Dom Giussani não pode ser considerada óbvia, porque nós geralmente pensamos que a liberdade tem a ver só com a resposta, depois de conhecido o destino, e não também com a descoberta dele. **"**O destino é algo perante o qual o homem é responsável; o modo que o homem tem de alcançar o seu destino é responsabilidade sua, é fruto da liberdade. A liberdade, portanto, tem a ver não só com o caminhar rumo a Deus como coerência de vida, mas já com a descoberta de Deus"[57]. Ou seja: pensamos que a liberdade entra em ação somente depois de a razão O ter descoberto, não no ato da descoberta, não no conhecimento, mas somente no caso de ser coerente com Aquele que conheci. Pelo contrário – como isso é decisivo! – não há conhecimento se não entrarem em ação, ao mesmo tempo, razão e liberdade. E assim como gostaríamos de atingir o destino sem a liber-

[55] L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., p. 66.
[56] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 169.
[57] *Ivi.*

dade, gostaríamos também de ter um conhecimento que não precisasse implicar a liberdade.

Nisso somos muito modernos. A modernidade persegue um tipo de conhecimento tão seguro que pensa obtê-lo sacrificando a liberdade. Por isso, no conhecimento há uma fratura entre razão e liberdade: os "modernos" não conseguem unir razão e liberdade. Nós também muitas vezes pensamos que, se entrar em ação a liberdade, o conhecimento não será seguro. Para ser confiável – pensamos – o conhecimento tem de estar livre da influência da liberdade. Iludimo-nos em pensar que podemos conhecer sem nos envolver, permanecendo distantes, fazendo o juízo de tudo. "Se a atitude em relação à realidade condiciona o seu conhecimento e até mesmo, relativamente, a sua presença efetiva, é porque a liberdade humana se manifesta aí, e em todo lugar, [...] podendo dizer sim ou não a ela"[58]. Tanto é verdade que São Gregório de Nissa dizia que se o homem "excluir a liberdade, perde no mesmo instante o dom da inteligência"[59]. É o que sempre aprendemos com Dom Giussani: **"**Existem muitos cientistas que, aprofundando as suas experiências, descobriram Deus, e muitos outros que acreditam ter evitado ou eliminado Deus por meio da ciência. Há muitos escritores que, através de uma percepção profunda da existência do homem, descobriram Deus, e muitos outros que, através da atenção à experiência humana, evitaram ou eliminaram Deus. Há muitos filósofos que chegaram a Deus através da sua reflexão, e muitos outros que, através da reflexão, excluíram Deus. Quer dizer então que reconhecer Deus não é um problema nem de ciência, nem de sensibilidade estética, nem mesmo de filosofia como tal. É também um problema de liberdade. Um dos mais conhecidos filósofos neo-marxistas, Althusser, reconhecia isso quando dizia que entre existência de Deus e marxismo o problema não é de razão, mas de opção."[60]. Se a liberdade não entrar em ação, não há conhecimento, porque – como afirma Nicolaj Berdjaev – "o conhecimento não é um processo meramente intelectual; dele participam todas as energias do homem, a escolha voluntária, a atração e a repulsa em relação à verdade"[61].

Que grandeza no testemunho de Giussani, ao não censurar nenhum aspecto, nenhum fator constitutivo do eu – razão e liberdade –, ao afir-

---

[58] M. Zambrano, *Per l´amore e per la libertà*, Marietti, Milão 2008, p. 153.
[59] Gregório di Nissa, *La grande catechesi*, Città Nuova, Roma 1990, p. 116.
[60] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 169.
[61] 12. N. Berdjaev, *Regno dello Spirito e Regno di Cesare*, Ed. di Comunità,Milão 1954, p. 10.

mar ambos e não excluir nenhum deles, ao procurar fazer-nos entender o nexo entre os dois, pois se excluirmos um ou outro, eliminamos o conhecimento!

Mas o que acabamos de dizer levanta um problema: se a questão não é só de razão, mas de opção, qualquer opção da liberdade será verdadeira? Trata-se de pura arbitrariedade? Qualquer opção será razoável? Teremos de deixar de lado ou eliminar tudo o que dissemos até agora sobre a razão?

Emerge aqui a questão de qual é a relação entre a liberdade e a razão no conhecimento. Para explicar, recorro a um exemplo banal que eu utilizava nas aulas que dava aos meus alunos do liceu. Imaginem duas pessoas que observam um jovem que oferece de presente à sua namorada um objeto que sabiam custar 1 Euro. Uma dessas pessoas comenta com a outra: "Olha que sovina: 1 Euro! Esse é o amor que ele tem por ela?". O outro responde: "Não entendes nada. Através desse objeto de 1 Euro, ali acontece algo muito maior: ele diz a ela que a ama muito. O preço não quer dizer nada". Mas o outro insiste: "Ora essa, sabemos que aquele objeto custa só 1 Euro! É isso que conta, o resto é conversa". Qual é a posição que compreende melhor os fatores implicados naquele gesto? Capta melhor quem diz "só 1 Euro?" (embora seja verdade), ou quem, mesmo reconhecendo a pobreza do dom, nele descobre algo muito maior? Percebem como a liberdade joga-se na descoberta, e que há uma opção? Mas se nós perguntássemos diretamente aos dois namorados qual das duas interpretações é melhor, ambos considerariam as duas interpretações equivalentes? Ou só uma delas expressa na verdade o que está a ocorrer? É um problema de opção, claro: mas uma é razoável e, a outra não; uma é estranha à natureza do que está a acontecer e a outra explica-a de modo satisfatório. Se eu me nego a abrir a razão para entender todo o significado dos acontecimentos, a minha opção vai contra a evidência do que está a acontecer, e eu não a capto (portanto, é verdade que nem todas as interpretações explicam as coisas de um modo verdadeiro). Então, a liberdade não deve entrar em ação apenas depois, mas já desde o início.

É o que Dom Giussani diz com o exemplo da penumbra: "Se, estando na penumbra, vocês voltarem as costas para a luz, exclamarão: 'Tudo é nada, é obscuridade, sem sentido.' Se voltarem as costas para o escuro, dirão: 'O mundo é o vestíbulo da luz, o início da luz.' Essa diversidade de postura é exclusivamente fruto de uma escolha. Contudo, é verdade que todo o problema não está aqui. Das duas posições, aquela de quem volta as costas para a luz e diz: 'Tudo é sombra', ou aquela de quem

volta as costas para a sombra e diz 'Estamos no início da luz', uma tem razão e outra não. Uma das duas elimina um fator, embora este seja apenas acenado: na verdade, se existe a penumbra, existe a luz"[62]. Uma opção está de acordo com a natureza, e ela evidencia a razão; a outra vai contra a natureza, e ela obscurece a razão. A opção é decisiva.

Essa dinâmica que se dá frente à realidade, com mais razão se aplica ao acontecimento cristão, que, pela imponência da sua excepcionalidade, desafia ainda mais a liberdade. E nem toda a decisão da liberdade é igualmente razoável: "Jesus estava expulsando um espírito mau que era mudo. Expulso o espírito mau, o mudo começou a falar e a multidão ficou maravilhada. Mas alguns disseram: 'É em nome de Belzebu, chefe dos espíritos maus, que ele expulsa os espíritos maus'. Outros ainda, para colocá-lo à prova, lhe pediam um sinal do céu. Ele, conhecendo seus pensamentos, disse: Todo reino dividido em si mesmo vai à ruína e desmorona. Ora, se Satanás está dividido em si mesmo, como poderá ficar em pé seu reino? Vós dizeis que eu expulso os espíritos maus em nome de Belzebu. Mas se eu expulso os espíritos maus em nome de Belzebu, os vossos discípulos em nome de quem os expulsam? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se eu expulso os espíritos maus com o dedo de Deus, então chegou a vós o reino de Deus"[63]. A mesma coisa que aconteceu em relação ao presente do namorado acontece aqui, com os sinais que Deus nos envia! E todos sabemos que isto não é uma coisa só do passado, mas que acontece hoje, agora, diante dos mesmos sinais que o Mistério planta no nosso meio: há aqueles que dão uma explicação "x" e aqueles que dão uma interpretação "y". Mas qualquer que seja a explicação, a questão é que Jesus expulsava os espíritos maus; qualquer que seja a interpretação, o problema é que não haveria discussão se não fossem os milagres que Jesus realizava. Por isso, não é qualquer interpretação que serve, e sim aquela que explica esse evento de maneira exaustiva. Na verdade, no evangelho de João Jesus censura-os abertamente: "Se eu não tivesse feito no meio de vós obras que nenhum outro fez, não haveria em vós nenhum pecado; mas agora vós vistes e mesmo assim odiais-me a mim e ao meu Pai. Isso para que se cumprisse a palavra escrita na Lei: Odiaram-me sem razão"[64]. Isto é, fizeram uma opção contra a razão, porque viram os sinais e mesmo assim não O reconheceram. Entendem, agora, a que ponto chega o drama da liberdade?

---

[62] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 169-170.
[63] Lc 11,14-20.
[64] Jo 15,24-25.

A esta altura Dom Giussani faz uma afirmação genial, que à primeira vista parece difícil aceitar: **"**Com efeito, o homem, na sua liberdade, afirma aquilo que já decidiu desde um recôndito início"[65], isto é, decidiu a partida antes do início; podem, então, acontecer todos os sinais possíveis, mas eu decido não me deixar impressionar. Quando li pela primeira vez essa frase, pensei: isso é demais! Até que me deparei com ela durante uma aula. Eu estava para começar a ler os Evangelhos e escrevi no quadro a palavra "Evangelhos". Aí diz-me um aluno: "Mas o professor acha que os Evangelhos podem dar-nos um conhecimento de Jesus? Eles foram escritos por cristãos, por isso imagine que conhecimento objetivo eles nos podem dar!". Eu perguntei-lhe: "Então, a posição mais adequada, o recôndito ponto de partida em relação ao real é a desconfiança?". "Claro que é a desconfiança. É evidente... E não pense que eu sou doido". "Então, pelo que me diz, esta manhã quando a sua mãe colocou na mesa uma xícara de café com leite, você disse-lhe: Só vou beber depois de analisar quimicamente o produto, para ter a certeza de que não está envenenado". Lembro-me ainda da reação do jovem, que, com o rosto corado, levanta a mão e diz: "Mas já moro há dezesseis anos com a minha mãe!". "Ah! Portanto nem sempre é razoável partir da desconfiança. Então, qual é a diferença entre o modo como você reagiu diante da palavra 'Evangelhos' e diante da xícara de café com leite da sua mãe, esta manhã?". Mas a coisa que mais me impressionou foi a segunda parte do episódio. Porque quinze dias depois – quando ele já nem se lembrava do que havia acontecido – eu lia na classe uma página do Evangelho para mostrar aos alunos a experiência dos discípulos que passaram um dia com Jesus. Jesus vai à Sinagoga e põe-se a ensinar, e todos ficavam admirados porque ele ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas; depois, cura um homem possuído por um espírito imundo; em seguida, vai à casa de Pedro e cura a sogra de Simão; à noite, na cidade, cura muitas pessoas afetadas por várias doenças; e no dia seguinte, logo de manhã, levanta-se e vai rezar. E eu terminava convidando os meus alunos a tentar imaginar o que teriam experimentado as pessoas que seguiam Jesus durante dias, semanas e meses, vivendo com Ele jornadas intensas. Pergunto: "Se vocês estivessem lá, o que teriam experimentado?". O primeiro a responder foi aquele jovem. Sabem o que ele disse? "Eu ficaria atento para não me deixar enrolar". Então eu rebati: "Duas semanas atrás disseste a mesma coisa?". Ele não se lembrava, e ficou corado, atrapalhado. Aquele jovem desconfiava de

[65] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 170.

tudo e de todos; diante de qualquer acontecimento, aparecia logo a suspeita que predominava na sua relação com o real. Essa era a sua decisão prévia, um recôndito ponto de partida. Eis por que Dom Giussani tem razão quando afirma: "A liberdade não se demonstra tanto nas escolhas clamorosas, mas joga-se no primeiro sutilíssimo crepúsculo do impacto da consciência do mundo [isto é, no impacto com o real]"[66].

Por isso me impressionou – desde a primeira vez que a ouvi – esta história de Elsa Morante: "Havia um soldado nazista que pelos seus horrorosos crimes estava sendo levado, logo ao amanhecer daquele dia, para ser fuzilado. Restavam ainda uns cinquenta passos até o ponto da execução, que ficava no pátio da própria prisão. Nesse momento, os seus olhos fixaram-se casualmente num ponto do muro do pátio, onde desabrochava uma daquelas flores semeadas pelo vento, que nascem em qualquer lugar e parece que se nutrem do ar e da poeira. Era uma florzinha miserável, composta de quatro pétalas violetas e duas pálidas folhas, mas sob o efeito da primeira luz matinal o soldado nazista viu ali, com o seu esplendor, toda a beleza e a felicidade do universo, e pensou: 'Se pudesse voltar atrás e parar o tempo, estaria disposto a passar toda a minha vida adorando essa florzinha'. Então, sentiu dentro de si a própria voz, mas festiva, límpida, embora longínqua, vinda não se sabe de onde, que lhe gritava: 'Na verdade te digo: por esse teu último pensamento, a poucos passos da morte, serás salvo do inferno'. Tudo isso deve ter demorado meio segundo. Entre o nazista que passava cercado pelos guardas e a flor que estava no muro havia mais ou menos a mesma distância inicial, apenas um passo. 'Não!' – gritou dentro de si mesmo, voltando-se um pouco – 'Não, não vou cair de novo nesses truques!', e como estava com as mãos algemadas, arrancou aquela flor com os dentes, atirou-a ao chão, pisou-a e cuspiu sobre ela"[67].

Naquele primeiro e sutilíssimo crepúsculo, num instante, desenrola-se esse drama: "Eis a alternativa na qual o homem *quase* insensivelmente se joga: ou se coloca diante da realidade com uma postura de abertura, com os olhos arregalados de uma criança, dizendo lealmente "pão, pão, queijo, queijo", e então abraça toda a sua presença [da realidade como nos é dada] acolhendo também o seu sentido; ou então, coloca-se diante da realidade numa postura de defesa, como alguém que pusesse o cotovelo diante do rosto para evitar choques desagradáveis ou inesperados, submetendo a realidade ao tribunal da sua própria

[66] *Ivi.*

[67] E. Morante, *La Storia*, Einaudi, Turim 1974, pp. 604-605.

opinião. Nesse caso, buscando e admitindo apenas os aspectos da realidade com que concordamos, poderosamente cheios de objeções para com ela, espertos demais para aceitar as suas evidências [não o que não está claro, mas as evidências] e as sugestões mais gratuitas e surpreendentes [quando o vemos em ação em nós é realmente patético: gente que insiste que os acontecimentos não existem porque não está disponível a reconhecê-los, não porque não existam]. Esta é a escolha profunda que fazemos quotidianamente diante da chuva e do sol, do nosso pai e da nossa mãe, da mesa do café, do metrô e das pessoas que estão nele, dos colegas de trabalho, dos textos da escola, dos professores, do namorado, da namorada [cada um pode acrescentar o resto]. A decisão que descrevi se toma diante do real, de tudo. Em tal decisão, fica claro de que lado está a postura razoável, o humano integral [o humano integral]: do lado daquele que é aberto [quando não existe abertura, falta o humano] e diz: "pão, pão, queijo, queijo". É o *pobre* de espírito, aquele que diante da realidade não tem nada para defender"[68].

É realmente impressionante reler esses capítulos de *O senso religioso* a partir da nossa postura frente aos acontecimentos, à presença e aos testemunhos que o Senhor nos dá. E se isso é tão decisivo para sermos gerados de novo, então – como não o fazemos por nós mesmos, mas só através daquilo que o Outro faz no presente, nas "coisas da terra" –, se nós não estamos disponíveis, jamais poderá acontecer o nosso renascimento; não porque não possa ocorrer, mas porque não estamos disponíveis, porque falta o humano (porque o humano inteiro está no que é aberto).

Prossegue Dom Giussani: "Se eu sou 'moral', quer dizer, se estou na atitude original em que Deus me criou, ou seja, numa postura de abertura à realidade, então compreendo, ou pelo menos procuro, isto é, pergunto. Se pelo contrário não estou naquela postura original [vejam, de novo: a falta do humano], mas estou alterado, artificial, bloqueado pelo preconceito, então sou 'imoral' e não posso entender [a consequência não é que vou para o inferno ou que sou incoerente: é que não posso entender!]. Essa é a dramaticidade suprema da vida do homem"[69]. Nessa atitude frente ao real joga-se tudo, porque como não somos nós que provocamos o despertar, o novo nascimento, e temos de aceitar ser gerados por um Outro, tudo depende da nossa capacidade de permanecer abertos a isso. De contrário, aplicamos, como todos, a medida positivista, e não conseguimos compreender bem.

---

[68] L. Giussani, *ib.*

[69] Cf. *Ibidem*, p. 171.

2. A educação para a liberdade

Daí se entende como é decisiva a educação da liberdade. Por isso Dom Giussani insiste tanto: "O problema fundamental dessa grande aventura do 'sinal' que é o mundo [...] é a educação para a liberdade. Se a realidade chama o homem para alguma outra coisa, educação para a liberdade é igual a educação para a responsabilidade. Responsabilidade vem de 'responder'. A educação para a responsabilidade é educação a responder àquilo que nos chama"[70]. E como me chama? Dissemos esta manhã: através do método do "sinal"; alguma coisa do real me convoca a dar uma resposta. Essa educação para a liberdade tem dois fatores.

a) Educação para a atenção

"Antes de mais nada, a educação para a responsabilidade implica uma educação para a *atenção*. Porque [vejam que realismo distingue Dom Giussani] a atenção não necessariamente se impõe à nossa liberdade [de novo: a falta do humano]; não é automaticamente fácil prestar atenção [porque a atenção é uma tensão, é um esforço, uma fonte de fadiga: por isso não devemos dá-la por óbvia]. O preconceito, seja qual for a sua origem [e aqui Dom Giussani dá-nos uma ajuda espetacular: cada um se reconheça nas várias categorias], impede a atenção: ou porque prevalece um interesse, e daí nasce a distração; ou porque nos apegamos a uma ideia já existente, e não prestamos atenção à mensagem nova; ou por concentrarmos a sensibilidade naquilo que nos agrada, e por isso nos tornamos aos poucos insensíveis a outros aspectos ou particularidades de uma proposta; ou ainda por tomarmos uma atitude simplista, que se torna até um delito, quando aplicada a um problema grave"[71]. São todas possibilidades nas quais se verifica a falta do humano, porque o humano inteiro está no que se abre para a totalidade. Por isso insiste em como é importante essa ênfase da totalidade. Cada um pode verificar como está frente aos sinais que o Senhor lhe põe no caminho.

Como podemos continuar a dizer que, no fundo, toda a excepcionalidade que vemos pode encontrar uma outra explicação que não seja a presença de Cristo? Como é possível continuarmos a dizer que o Seu nome está sobreposto? Somente por falta de atenção ou por uma indisponibilidade a aceitá-lo.

---

[70] *Ibidem*, p. 173.
[71] *Ibidem*, p. 174.

b) Educação para a aceitação

Por isso Dom Giussani indica um segundo fator, isto é, "educar para a capacidade de *aceitação*. [...] Educar para uma atenção e para uma aceitação [...] é uma pedagogia que permite abrir as portas às vezes prematuramente já fechadas [...]. [Por isso] assegura a modalidade profunda com que devemos portar-nos diante da realidade: aberta, livre, sem aquela presunção que nos leve a submeter a realidade ao nosso juízo e, portanto, sem julgá-la com base no preconceito. De qualquer modo, estas são as questões fundamentais para um caminho humano: educar a liberdade para a atenção, isto é, para uma abertura à totalidade dos fatores em jogo, e educá-la para a aceitação, ou seja, para abraçar conscientemente aquilo que encontramos"[72]. Porque sem nos educarmos para essa atenção e para essa aceitação de algo que vem de fora de nós, sucumbiremos.

Portanto, quem segue aquilo que o Senhor faz acontecer diante de nós, floresce; e quem não se deixa gerar pelo que acontece, apodrece. Assim, devemos todos treinar essa atitude justa frente à realidade, essa posição original de que o Mistério nos dotou. E essa educação não é – Dom Giussani sempre nos disse isso – algo espontâneo: é preciso envolvimento pessoal, trabalho.

Então, a verdadeira questão é: como se educa a liberdade? Respondendo à provocação do real. Se o real provoca, a educação da liberdade deve ser educação para respondermos à provocação. É simples: **"**É a educação a ter 'fome e sede' que nos torna atentos às solicitações que se multiplicam no confronto com a totalidade do real [...]. Felizes aqueles que têm fome e sede [é uma graça o humano que tem fome e sede: a vida assim é uma bênção, pois torna-se capaz de acolher todo o real]. Ao contrário, malditos os que não têm fome e sede, os que já sabem, os que não esperam nada. Malditos os satisfeitos, para quem a realidade é, quando muito, um simples pretexto para suas agitações e não esperam dela nenhuma novidade verdadeira [eis a maldição]"[73]. Se ainda não entendemos o que significa a falta do humano, eu não encontro uma descrição mais impressionante do que esta: **"**Todos os 'mas, se, porém, talvez...' com os quais se procura abalar a positividade da relação eu-realidade são como uma barreira de fogo, como uma cortina de fumo para proteger a retirada do homem do compromisso com a própria

[72] *Ibidem*, p. 174.
[73] *Ibidem*, p. 175.

realidade"[74]. Não é uma bronca, mas é preciso ter todos os elementos para compreender em que consiste o trabalho que Dom Giussani nos propõe, se quisermos ser verdadeiramente seus filhos, e não desistirmos de ser homens.

3. A condição da liberdade

"Onde está a verdadeira dificuldade que o homem encontra para ler o nome misterioso sugerido, assinalado por todas as evocações que a respeito dele faz o real? Onde está a verdadeira dificuldade para identificar a existência de Deus, a existência do mistério, do significado que está além do homem?"[75]. A verdadeira dificuldade é o que Dom Giussani chama de experiência do risco; que ele sempre identificou com aquela experiência que fez quando era criança, durante uma escalada na montanha; ele tinha de dar um salto de menos de um metro, mas havia um precipício embaixo; estava com medo e, tomado pelo pânico, agarrou-se a uma pedra. **"**Eu entendi bem esse conceito recordando de repente, após tantos anos, um episódio da minha infância. Todos os anos eu pedia para ser levado a escalar montanhas, mas diziam-me que eu era muito pequeno. Até que um dia me disseram: 'Se passares de ano sem fazer exame farás a tua primeira escalada'. E assim foi. O guia ia à frente, em seguida eu, e depois dois homens. Já tínhamos superado metade do caminho, quando, num determinado momento, vi o guia dar um pequeno salto. Eu, que estava a três ou quatro metros de distância, segurando nervosamente a corda, ouvi o guia me dizer: 'Coragem! Salta!' Eu encontrava-me num caminho em que havia uma interrupção de cerca de um metro, um abismo estreito e profundo, sobre o qual tinha de pular. Voltei-me de repente, agarrei-me a um bloco de rocha e três homens não conseguiram arrancar-me de lá. Lembro-me das vozes que me repetiam: 'Não tenhas medo, estamos aqui!' e eu dizia a mim mesmo: 'Não sejas tonto, eles agarram-te'; eu falava assim comigo, mas não conseguia largar o meu apoio improvisado. Esse pânico excepcional fez-me compreender, muitos anos depois, o que é a experiência do risco. O que me fez parar não foi a falta de razões: elas existiam, mas era como se estivessem escritas no ar, não me tocavam. Acontece a mesma coisa quando as pessoas dizem: 'Você tem razão, mas não estou

[74] *Ibidem*, p. 177.
[75] *Ibidem*, p. 177.

convencido.' É um hiato, um abismo entre a intuição da verdade, do ser, dada pela razão, e a vontade: uma dissociação entre a razão, percepção do ser, e a vontade, que é afetividade, isto é, energia de adesão ao ser (o cristianismo indicaria nesta experiência uma ferida produzida pelo 'pecado original'). Por isso, uma pessoa vê as razões mas não se move. Não se move, quer dizer, falta-lhe a energia da coerência [atenção], não no sentido ético de comportamento consequente [não vamos embora logo], mas no sentido teórico de adesão intelectual à verdade que as razões fazem entrever"[76]. Ali começou a entender onde estava realmente a dificuldade: "Quando é que eu teria sido capaz de me soltar daquele bloco de pedra? Somente com uma enorme força de vontade. Mas eu não tinha esta força de vontade, e nem está nela a solução [...]. Eis [portanto] a verdadeira definição da experiência do risco: um medo de afirmar o ser, um medo estranho, porque é estranho à nossa natureza"[77]. A separação entre a razão e a vontade, consequência do pecado original, provoca essa falta de energia. Tanto é verdade que Hans Urs von Balthasar chama-o de *Manko an Gnade*. "A decisão de um indivíduo contra Deus – e não de qualquer um, mas do fundador da família da humanidade – precipitou toda essa família não precisamente no pecado pessoal, mas num déficit de graça [*Manko an Gnade*] (juntamente com as consequências sobre a estrutura da sua natureza)"[78]. Uma falta de graça, falta de energia para aderir, como se eu pegasse uma garrafa e a deixasse cair porque estou sem energia para segurá-la.

Se a energia não é recuperável através do próprio esforço da vontade, qual é então o remédio? "Há na natureza um método que consegue dar-nos essa energia de liberdade que nos faz superar, atravessar o medo do risco. Para superar o abismo dos 'mas', dos 'se' e dos 'porém', o método usado pela natureza é o fenómeno *comunitário*. Uma criança vai pelo corredor, empurra com a mãozinha a porta aberta de um quarto escuro; amedrontada, recua. A mãe adianta-se, toma-a pela mão; com a mão na mão da sua mãe, uma criança entra em qualquer quarto escuro deste mundo. É somente a dimensão comunitária que torna o homem suficientemente capaz de superar a experiência do risco"[79].

Não é qualquer companhia que serve, como o demonstra o próprio exemplo de Dom Giussani. Precisamos de uma presença capaz de ven-

[76] *Ibidem*, p. 178.
[77] *Ibidem*, p. 179.
[78] H. U. von Balthasar, *Teodrammatica. IV: L'azione*, Jaca Book, Milão 1982, p. 169.
[79] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 179.

cer, pela atração, essa fratura entre razão e vontade, e que me faça companhia até mesmo no meio da escuridão, uma presença a qual eu fique colado. Tanto é verdade que quando as coisas se tornam verdadeiramente cruas – como para os Apóstolos durante a Paixão, quando todos O abandonaram e nem a Sua presença pôde evitar isso –, então é preciso uma força mais poderosa. "Chama-se Cristo ressuscitado e o seu Espírito que domina o mundo, o qual entra no mundo antes de tudo através dos que são chamados – Pentecostes – e depois se espalha pelo mundo: na Ascensão ao céu, vai à raiz das coisas, que são todas suas; e as coisas não percebem que são manipuladas, mas há uma mão que as aperta, e por isso elas se sentem amparadas e esclarecidas no momento oportuno: chama-se graça de Cristo. A graça. E é só ela que, a certa altura, faz o que a companhia não conseguiu fazer e o que o grande homem também não conseguir realizar"[80]. Era necessária a força do Espírito, como explica São Paulo: "Ninguém pode dizer *Jesus é o Senhor* a não ser sob a ação do Espírito Santo"[81]. E de novo – como vimos esta manhã – é a graça do Espírito a única capaz de vencer finalmente essa fratura entre razão e afeição para a pessoa nascer de novo. Por isso, a primeira coisa a fazer é pedir essa graça: *Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam*.

E como é que o Espírito age? Num lugar privilegiado – chamado "carisma" –, onde nós podemos ser educados a vencer essa fratura, se aceitarmos seguir e acolher a graça que o Espírito Santo deu a Dom Giussani. Na verdade: "A dimensão comunitária representa não a substituição da liberdade [...] mas a condição para a sua afirmação"[82]. Com essa companhia, gerada constantemente pela força do Espírito, podemos arriscar-nos na aventura da vida, estando à altura da estatura do homem. É preciso pedir essa graça, fazer como os mendigos e correr atrás desse pão chamado Eucaristia; não somos visionários, sabemos muito bem que é preciso, tal como os mendigos, entrar na fila e, mesmo coxos, ir receber o alimento sem o qual não resistimos (é inútil fingir, iludir-se com o contrário). Do mesmo modo, é preciso mendigar e ir receber a graça do perdão, no sacramento da penitência, para recomeçar depois de cada queda.

A verdadeira questão é qual é a companhia capaz de nos acompanhar em todas as situações. E desse ponto de vista – não posso demorar-me aqui – é impressionante a releitura que Dom Giussani faz do mito de

[80] L. Giussani, *É possível (verdadeiramente?!) viver assim?,* BUR, Milão 1996, p. 106.
[81] 1Cor 12,3.
[82] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 180.

Ulisses: "Imaginem este homem com todos os seus marinheiros no seu barco, que navega de Ítaca à Líbia, da Líbia à Sicília, da Sicília à Sardenha, da Sardenha às Ilhas Baleares: todo o *mare nostrum* é medido e governado, é percorrido inteiramente por ele em todas as direções. O homem é a medida de todas as coisas. Mas quando chega às colunas de Hércules, Ulisses encontra-se frente à persuasão comum de que toda a sabedoria, quer dizer, a medida segura do real, não é possível. Além das colunas de Hércules não há mais nada seguro, só há o vazio e a loucura. Assim como quem as ultrapassa é um sonhador que nunca mais terá certeza alguma, do mesmo modo, além dos limites experimentais entendidos de maneira positivista, só há fantasia, ou então, impossibilidade de segurança. Mas ele, Ulisses, exatamente pela mesma 'estatura' que o levou a percorrer todo o *mare nostrum*, uma vez chegado às colunas de Hércules, sentia que ali não só não era o fim, mas que era como se a sua verdadeira natureza se libertasse a partir daquele momento. Então, transgrediu a sabedoria e avançou. Não errou porque foi além: ir além estava na sua natureza de homem; ao decidir, sentiu-se verdadeiramente homem. Essa é a luta entre o humano, isto é, o senso religioso, e o desumano, isto é, a postura positivista de toda a mentalidade moderna. Ela diria: 'Meu filho, a única coisa segura é aquela que você constata e mede cientificamente, experimentalmente; além disso, o que existe é fantasia inútil, loucura, afirmação imaginosa'. Mas o que há além desse *mare nostrum* que podemos possuir, governar e medir? O oceano do significado. E é na superação dessas colunas de Hércules que começamos a sentir-nos homens: quando superamos este extremo limite fixado pela falsa sabedoria, por aquela segurança opressiva, e avançamos no enigma do significado. A realidade, no impacto com o coração humano, suscita a dinâmica que as colunas de Hércules suscitaram no coração de Ulisses e de seus companheiros, cujas faces estavam marcadas pelo desejo de outra coisa. Para aquelas faces ansiosas e aqueles corações cheios de desejo, as colunas de Hércules não eram um limite, mas um convite, um sinal, algo que remete para além de si"[83]. E quem pode arriscar para além das Colunas, quem pode ingressar verdadeiramente na escuridão, quem pode acompanhar-nos no momento da dificuldade? Só quem vive a vida à altura da dignidade humana: "Esta é a estatura do homem na revelação hebraico-cristã. A vida, o homem, é luta, tensão, relação – 'no escuro' – com o além: uma luta na qual não se vê o rosto do outro"[84].

[83] *Ibidem*, p. 185.
[84] *Ibidem*, p. 186.

Nem todos são companheiros de caminhada nesse nível dramático, porque "é a relação com aquele 'além' que possibilita também a aventura do 'aquém'; de outra maneira, o tédio, origem da presunção evasiva e ilusória ou do desespero que aniquila, passa a dominar-nos"[85].

Então, a verdadeira questão, amigos, é se queremos ser gente "organizada" ou se queremos participar dessa aventura; se construímos o nosso Mediterrâneo pessoal ou se nos lançamos a desafiar as Colunas de Hércules. Só se for viva essa tensão para o além é que o aquém se tornará suportável. A alternativa não é que vou viver mais comodamente, e sim mais entediado, mais desesperado, mais sufocado. Só poderemos ser verdadeiramente amigos se nos deixarmos desafiar pelas Colunas de Hércules, por esse Além. Mas muitos dizem que é uma loucura ir além...

Nós podemos aventurar-nos para além das Colunas de Hércules sem ser loucos, porque o Além se tornou companheiro, como nos testemunha São Paulo: "Não, porém, que eu já tenha conquistado o troféu ou já tenha chegado à perfeição; esforço-me e corro para conquistá-lo, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo. Irmãos, eu não considero que já tenha chegado; sei apenas isto: esqueço-me do passado e volto-me para o futuro, corro para a meta para alcançar o troféu que Deus nos chama a receber lá em cima, em Cristo Jesus"[86]. Se a nossa Fraternidade não é de homens – cambaleantes, como quiserem, porque não é um problema de coerência – com os rostos voltados para um Outro e com os corações plenos de ardor por Cristo, então não só trairemos o carisma mas também, com o tempo, ele não nos interessará mais. Peçamos a Nossa Senhora e a Dom Giussani que nos ajudem a sermos pessoas à altura da estatura humana.

[85] *Ibidem*, p. 184.
[86] Fl 3,12-14.

Domingo, 25 de abril, manhã

Na entrada e na saída:
Franz Schubert, Trio com piano n. 2, op. 100, D 929
Eugene Istomin, piano – Isaac Stern, violino – Leonard Rose, violoncelo
"Spirto Gentil" n. 14, Sony

Padre Pino. "Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede"

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Prosperi. Recolhemos as perguntas, que foram muitas, sobre as quais, de maneira introdutória, faço duas observações. A primeira é um juízo positivo, porque começamos a ver o fruto do trabalho deste ano, como capacidade de colocar em jogo a experiência pessoal com a proposta feita. A segunda observação é que a maior parte das perguntas se refere à segunda meditação, e isso provavelmente não só porque estava mais próxima do momento da Assembleia, mas justamente porque nela se entende bem que a origem da dificuldade em se compreender o dinamismo da razão fica esclarecida dentro de todo o percurso destes dias; porque não se entende a liberdade se ela for dissociada da trajetória da razão na sua relação com a realidade como sinal. Procuramos organizar as perguntas para dar um apanhado das muitas questões que merecem aprofundamento.

Primeira pergunta: A mim parece-me que se peço a graça, não me mexo; e se trabalho, é como se desvalorizasse a graça. Como se harmonizam essas duas coisas?

***Julián Carrón*.** Esse é um exemplo daquilo que eu dizia na sexta-feira à noite: temos dificuldade em entender a relação que existe entre a graça e a liberdade. Não é preciso espantar-se, porque é uma das questões que levantaram mais discussão na história, e, portanto, não é surpresa que nós também tenhamos essa dificuldade... Mas é preciso aprofundar, porque se nós não entendermos o nexo entre uma coisa e outra, parece que para afirmar uma teremos que negar a outra. Poderíamos, talvez, quase que reescrever a história do Ocidente como dialética entre esses dois polos.

O que nos interessa? Entender o que tentamos dizer nestes dias: o encontro com Cristo, isto é, a graça, justamente porque tem a capacidade de despertar o eu (com toda a sua razão, toda a capacidade da sua liberdade, toda a sua capacidade afetiva), estimula o trabalho. Por isso, que alguém se lance ao trabalho já é um sinal de graça, é o primeiro sinal de que na vida aconteceu um evento que mexeu com alguma coisa dentro da pessoa. Portanto, nada de contraposição à graça! A graça está na origem, mas a documentação, o sinal mais poderoso de que a graça aconteceu é justamente a pessoa lançar-se ao trabalho.

Cada um de nós pode muito bem entender isso, porque se eu não sou capaz de usar a razão de um modo mais amplo, de usar mais adequadamente a liberdade, permaneço tal e qual, encontro-me como todos a viver a realidade na confusão habitual. Pelo contrário, se a liberdade tem esta capacidade de usar a razão de um modo diferente, podemos enfrentar as circunstâncias, a vida, com um respiro, uma luz, uma novidade que, de outro modo, nem sonharíamos fazer. Por isso, o primeiro sinal da graça é que ela movimenta a liberdade, coloca-nos em ação.

Prosperi. Esse novo nascimento acontece uma vez na vida ou em cada momento? É um instante ou um processo?

Carrón. O novo nascimento – como nos explicou muito bem, ontem, Sua Eminência o cardeal Scola – acontece num determinado momento, no Batismo. Ele disse-nos: "No Batismo o homem é concebido de novo como filho no Filho e daí começa, para ele, para o batizado, uma nova concepção de si. [Por isso] o homem é concebido como cristão no Batismo". É a partir daí, desse instante, que posso dizer – como disse o Papa e o cardeal Scola nos lembrou – "Eu, mas não mais eu". Essa é a fórmula da existência cristã fundada no Batismo, e isso aconteceu uma vez, no Batismo; tanto é verdade que nós dizemos que ele imprime um "caráter": é algo que acontece no Batismo e que nada pode apagar. Por que não pode ser apagado? Porque é um gesto de Cristo, que me toma todo e, realizando-o me diz: "Tu és Meu, tu pertences-Me, tu decidiste, ao pedir o Batismo, deixar de lado a própria pertença para pertencer a Mim. Eu sou a nova consciência de ti", e esse vínculo que Cristo estabelece comigo naquele instante é para sempre. Isso é decisivo para a nossa certeza, porque não depende de eu ser melhor ou não, não depende de mim, da minha capacidade, mas é um gesto totalmente de Cristo. Por isso, mesmo que eu o esqueça ou o renegue, ou erre diante de todo mundo – como quando, durante as perseguições, os cristãos que renegavam Cristo não tinham de

repetir o Batismo –, não sou capaz de romper a ligação que Cristo estabeleceu comigo, tão forte ela é. Qualquer pai pode entender isso: o que é que um filho pode fazer que seja capaz de anular essa ligação? Nada. Não é difícil de entender, e se isso nós, pobres criaturas, podemos fazer, imaginem o que Cristo pode fazer!

Portanto, isso ocorre uma vez por todas, no Batismo. E – continuava o cardeal – se o Batismo é recebido, como o foi pela grande maioria de nós, quando éramos crianças, ele floresce numa nova concepção de vida quando acontecer o próprio encontro pessoal com Cristo, na Igreja. Para que a graça recebida no Batismo floresça e alcance a vida toda, todos os particulares da nossa existência, é preciso fazer um caminho. Dom Giussani usou uma fórmula que sempre me impressionou: "O encontro de Cristo com a nossa vida, pelo qual Ele começou a tornar-se um evento real para nós, o impacto de Cristo com a nossa vida, a partir do qual Ele se voltou para nós e estabeleceu, como *vir pugnator*, uma luta para *invadir* a nossa existência, chama-se Batismo"[87]. Por isso, o que aconteceu naquele momento tem a vida toda como perspectiva.

Vejam que distância, em termos de consciência: não que não seja verdade que eu – pela graça, por essa ligação que Cristo estabeleceu comigo – já sou de Cristo, mas que distância abissal do viver com essa consciência! Basta que a pessoa pense em quando foi a última vez que tomou verdadeiramente consciência desse acontecimento e se comoveu até ao fundo; é caso para nos perguntarmos que tipo de distração nos invadiu. E quanto trabalho resta fazer até que isso, que é verdade, seja conquistado por nós como consciência, se torne um juízo que arraste toda a minha pessoa, a minha consciência, a minha sensibilidade, a minha afeição, tudo.

É por isso que – como já lembramos – o encontro, devido à graça do carisma, torna persuasiva a graça do Batismo e torna-a cada vez mais nossa, através de uma história pessoal: fomos reunidos por isso; não há outro objetivo para nos reunirmos a não ser para que aquilo que aconteceu no Batismo se torne meu, se torne seu, se torne nosso. Por isso pertencemos à Igreja, e para isso o Espírito Santo continua a suscitar os carismas, isto é, modalidades operativas que tornam mais persuasiva a graça de Cristo, a fim de que possa invadir-nos cada vez mais a novidade que essa graça introduziu na nossa vida.

Prosperi. Quanto mais intensamente amo as coisas, a realidade, os sinais, mais me encontro numa posição de defesa, pelo medo de perdê-

[87] L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mon*do, op. cit., p. 64.

las. Como é que o amar intensamente as coisas pode ser, ao contrário, um ponto de abertura?

Carrón. Porque quanto mais eu amo uma coisa, mais desejo não perdê-la. O ponto de partida é que eu tenho alguma coisa, tenho um valor que gosto tanto que não quero perdê-lo; o ponto de partida é que eu possuo uma coisa muito bonita, que eu amo. O primeiro aspecto é positivo: eu tenho algo. O medo vem sempre num segundo momento: eu não quero perder essa coisa. Então, não encontrarei uma solução adequada enquanto não for até o fundo desta exigência de não perdê-la. E saio à procura: como posso não perdê-la? O que significa: quem pode mantê-la para sempre?

Assim uma pessoa encontra-se diante de uma exigência à qual – cada um é bem consciente disso – não pode responder sozinho. E entende-se o que dizíamos ontem: que sem a perspectiva de um "além", "de uma resposta última que está *além* das modalidades existenciais experimentáveis"[88] (naquele caso, da justiça; agora, do amor), seria impossível manter essa exigência. Por isso, o perigo é que eu me fixe num determinado ponto, que eu não seja capaz de encarar toda a profundidade da exigência. Porque se não quero desistir frente à totalidade da exigência, não posso parar, tenho de ir sempre além. Se, pelo contrário, fico parado, fixo-me no medo e não chego ao ponto de encontrar nesse "além" a resposta que afasta para sempre o medo. "Se fosse eliminada a hipótese de um *além*, aquelas exigências seriam inaturalmente sufocadas"[89].

Aqui vemos impiedosamente como nos falta a ideia do Mistério, e se entende por qual motivo Cristo veio para educar-nos ao senso religioso, para nos fazer entender qual é a natureza dessa nossa exigência, pois caso contrário não compreenderíamos jamais a razoabilidade de crer em Jesus Cristo. Se eu pudesse responder por mim mesmo a essas exigências infinitas, por qual razão eu deveria complicar a vida com a fé, por qual razão deveria aderir a outra coisa? Eu experimento que não posso responder sozinho a essa minha exigência de amar o que amo (e que aquilo que amo permaneça para sempre). Então, ou digo de modo não razoável que não existe resposta – e sufoco a exigência e permaneço no medo –; ou então não reduzo essa exigência, respeito todo o seu alcance infinito, a sua necessidade de um "além".

---

[88] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 176.

[89] *Ivi.*

E, então, a pessoa festeja Cristo porque Ele está aí, porque está aí Alguém que pode manter o que eu amo verdadeiramente. Não porque eu sou capaz, mas porque Cristo existe; e então eu posso ficar livre desse medo.

Amigos, o sinal de que Cristo começa a ser real para nós é que começamos a vencer esse medo. Porque o problema é que se não temos resposta para isso que amamos, não temos resposta para nós: Cristo é igual a "nada" e não há resposta para a vida. Vale o mesmo para nós e para o que amamos. Somente se tivermos a lealdade de ir ao fundo da exigência é que poderemos entender a graça de ter encontrado Alguém que toma toda a nossa exigência de justiça, de beleza, de amor, e a leva ao cumprimento sem sufocá-la.

Prosperi. Disseste que tudo depende da nossa capacidade de permanecer abertos diante do real, mas como podemos sustentar essa posição frente a uma circunstância totalmente negativa, como a violência contra crianças, ou uma circunstância banal, como lavar a louça?

Carrón. É esse justamente o trabalho a ser feito, amigos: não bloquear a pergunta diante de nada, nem mesmo diante da violência odiosa contra crianças. Se eu aprisiono a dinâmica da exigência, precisarei fazer tudo de um modo moralista, lavo a louça porque preciso lavá-la, sem sentido, sem nexo com a minha humanidade, e isso vale para qualquer coisa. Assim, nós nunca poderemos entender verdadeiramente o que Cristo quer dizer. Por isso, recomendo que leiam todo dia e aprendam de cor o pequeno parágrafo inicial do *Na origem da pretensão cristã*: "Não seria possível dar-se conta plenamente do que signifique Jesus Cristo sem antes nos darmos conta da natureza daquele dinamismo que faz com que o homem seja aquilo que é. Com efeito, Cristo propõe-se como resposta àquilo que 'eu' sou, e apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer, admirar, agradecer, e vivenciar Cristo. Sem essa consciência, até o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome"[90].

A questão, portanto, é essa lealdade, esse estar abertos ao real tal como ele vem ao nosso encontro, bonito ou feio; porque o problema não é ser bonito ou feio, mas que eu encontre uma resposta adequada à pergunta!

E diante das coisas verdadeiramente negativas – a violência contra crianças é um exemplo claro disso – entendemos qual deva ser a

[90] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003, p. 11.

resposta. Dessa pergunta nasceu o artigo publicado no jornal *La Repubblica*: quem responde a essa exigência? Porque se não há nenhuma possibilidade de resposta, não há mais justiça! Do mesmo modo, não tem sentido lavar a louça ou amar alguém! São todas exigências que nascem do coração da vida; todos as temos, mesmo depois do encontro cristão; aliás, potencializadas! Não estamos condenados a virar o rosto diante dessas perguntas. Nós somos os únicos que podem encará-las de frente, e isso só é possível por causa do encontro com Cristo, porque do contrário – como todos – deveríamos fugir, porque não conseguiríamos estar diante de todas as exigências, ou diante do mal, dos desastres, ou daquelas coisas que parecem sem sentido. Por isso, o sinal mais evidente de que se percorre um caminho é sermos capazes de estar diante de tudo – tudo! –, sem censurar nada (entendem?), nada.

Prosperi. O que significa dizer que a liberdade entra em ação não somente na resposta à provocação do real, mas também na descoberta do destino?

Carrón. Muitas vezes nós pensamos que a liberdade entra em ação só depois: antes, a razão descobre a realidade e, depois, a liberdade decide se vamos vivê-la ou não. Mas dizer isso é não compreender todos os fatores que compõem o conhecimento. É pelo modo como enfrentamos o real, abertos ou não, que nós podemos reconhecer a totalidade. Dom Giussani sempre nos ensinou isso, bastaria ter presente as três premissas de *O senso religioso* para entender essas coisas: para entender a realidade precisamos da realidade (primeira premissa), precisamos da razão, que toma consciência de todo o real segundo todos os fatores (segunda premissa), e precisamos da moralidade no conhecimento, que tem como protagonista a liberdade (terceira premissa)[91]. Isso é decisivo, porque muitas vezes estou convencido de que descrevo o real, mas o que descrevo é uma redução do real (porque decidimos, antecipadamente, que certas coisas que não se enquadram na nossa medida não podem existir). Dom Giussani lembrava-nos sempre do exemplo de Pasteur e da sua descoberta dos microrganismos: "Pasteur teve de repetir continuamente os seus experimentos porque ninguém parecia capaz de reconhecer seu valor. Os últimos a reconhecer a validade científica das experiências de Pasteur foram os docentes da Sorbonne que faziam parte da Academia de Ciências de Paris. Para aqueles professores, admitir o que Pasteur sustentava significava

[91] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 19-58.

subir à cátedra no dia seguinte e reconhecer publicamente que era preciso mudar muito. E isto envolvia seu orgulho, sua fama, seu dinheiro. O problema da função dos micróbios, que é um problema objetivo, científico, era para eles um problema vital. Que deveriam fazer aqueles professores para estar habilitados a perceber o valor daquelas experiências, irrefutáveis também para os leigos? Teria de haver neles uma lealdade, uma dignidade moral, uma paixão pelo objetivo verdadeiro, que não poderia ser inventada da noite para o dia, que não podia ser senão o resultado de uma longa educação, precisamente, moral"[92].

Já no modo como enfrentamos o real está em jogo a liberdade. Às vezes, não nos damos conta do quanto é patética a cena: uma pessoa descreve uma coisa e não percebe que pela maneira como fala do real já a reduz, por um preconceito, por uma medida que a impede de ver tudo o que existe; e batalha para convencer o interlocutor, porque a realidade está ali e o contradiz seguidamente! Então é inútil discutir. Muitas vezes, entre nós, acontece isso, sobretudo diante dos acontecimentos, como os que ocorriam com Jesus, mas que os fariseus não reconheciam. Eram doidos ao ponto de não vê-los? Não era que não vissem – os acontecimentos estavam ali, diante de todos –; o problema é que eles, os fariseus, não estavam disponíveis, o que significa que a liberdade fazia parte do modo como se colocavam diante do real. Nós também não somos doidos. Se fazemos assim é porque resistimos a algo que existe. Em vez de dizer que as coisas não existem, é mais honesto reconhecer que queremos resistir a elas. Inclusive porque quando acontece é mesmo patético: são os outros que veem coisas que não existem ou é uma miopia que o impede de ver? Essa fraqueza afeta a todos, porque há certas coisas que temos dificuldade para admitir. Por isso, aí se joga toda a dramaticidade da vida, nesse "primeiríssimo crepúsculo" da nossa relação com o real.

Prosperi. Ainda sobre a liberdade: muitas perguntas referem-se ao "recôndito ponto de partida". Escolhemos esta que nos parecia particularmente clara: o homem, em sua liberdade, afirma algo que decidiu afirmar a partir de um recôndito ponto de partida. Como é possível sair de uma atitude de fechamento? Por exemplo, o jovem do seu relato, depois de ter sido corrigido, após duas semanas ainda estava na atitude de fechamento inicial...

---

[92] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 52-53.

Carrón. A questão não é alguém ter preconceitos, porque isso é inevitável. Como não somos pedras, basta-nos ver uma pessoa e falar com ela por cinco minutos e já fazemos uma ideia dela: é simpática, não é simpática, é chata, etc. O juízo é imediato. O ponto não é esse, porque é inevitável. A questão é que essa pessoa, inevitavelmente, no decorrer do tempo, me dá outros sinais, mas eu não me movo mais daquele preconceito, nem com um guindaste! O problema daquele meu aluno não era o preconceito, mas sim não estar disponível para mudar. E – atenção! – se não houvesse a possibilidade de mudarmos, não haveria liberdade; há sempre a possibilidade da mudança, há sempre a possibilidade de eu me render ao que vejo, há sempre a possibilidade de eu reconhecer o que vejo, porque senão estaríamos presos num mecanismo do qual jamais escaparíamos. Seria a negação da pessoa, reduzir de novo a pessoa a fatores antecedentes do tipo biológico, psicológico ou sociológico. Não! A pessoa "é relação direta com algo que dá origem a tudo, com o destino, com o mistério, com Deus"[93]. Nem o pecado original anula isto: a natureza humana pode ter ficado enfraquecida quanto quisermos, mas essa possibilidade permanece, continua a existir! Por isso, eu posso constantemente ser educado para a liberdade, para essa atenção e para essa aceitação. Posso ser educado. Se não pudéssemos, significaria dizer que é inútil estar aqui, porque cada um já estaria definido de certo modo e não seria possível mudar nada. Ao contrário, há a possibilidade de mudança para cada um de nós – qualquer que tenha sido a história, o passado, as circunstâncias, os fatores que nos geraram –, porque ela faz parte do conceito de pessoa, pois o eu é relação com o Mistério.

Prosperi. O que disseste à tarde fez-me pensar nos meus filhos, que não querem compartilhar da minha experiência (o mesmo se poderia dizer do marido, da esposa ou do colega de trabalho... em suma, de pessoas que amamos). Eu pergunto: até onde vai a minha responsabilidade em relação a eles, e o que quer dizer respeitar a liberdade deles?

Carrón. A minha responsabilidade em relação a eles é viver a minha vida com toda intensidade, isto é, responder a Cristo que me chama. Em outras ocasiões, dei dois exemplos que me ajudaram a esclarecer a questão para sempre. Um refere-se a Nossa Senhora. Como é que ela me ajudou? Dizendo "sim". Dizendo "sim" ao anúncio do Anjo e "inserindo" Cristo na história contribuiu para o meu bem. Deixou intacta a

[93] L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, BUR, Milano 2003, p. 9.

liberdade para eu tomar a minha decisão pessoal frente a Cristo. E como ela me ajudou? Vivendo a sua relação com o Senhor. E o outro exemplo evidente está diante de nós, com Dom Giussani. O que é que ele fez por cada um de nós? Ele respondeu à graça que lhe foi dada, respondeu desde os tempos de seminário àquela intuição da sua humanidade, àquela vibração evocada pelas palavras de Giacomo Leopardi que só podia encontrar resposta no Verbo feito carne. E respondendo a essa graça comunicou-a, testemunhou-a: ajudou a nossa realização humana respeitando a nossa liberdade. Não que, para respeitar a nossa liberdade, tivesse deixado de fazer alguma coisa. Pelo contrário, fez tudo o que estava ao seu alcance para viver, para viver diante de nós, mas, ao mesmo tempo, sem poupar nem um milímetro de energia, repetindo-nos que "durante cinquenta anos vi e recebi pessoas [...] apostando apenas na liberdade pura – na liberdade pura!"[94].

É evidente que, no caso das crianças, isso acontece dentro de uma trajetória, de uma caminhada: não é a mesma coisa com oito anos e com dezesseis. Mas a nossa responsabilidade é diante do Cristo que nos chama, porque assim podemos testemunhar para os nossos filhos um modo intenso de viver o real, que pode desafiá-los e atrair a liberdade deles. Não existe uma fórmula para atraí-los (nem quando vocês acharem que a encontraram poderão impô-la). Por quê? Porque entra aí a dignidade, a grandeza da pessoa do filho. E se o Mistério se dobrou a essa modalidade, mendigando a nossa liberdade, imaginem se nós poderíamos fazer de modo diferente! Não vou dar detalhes, mas acho que a verdadeira questão não é organizar a vida dos filhos, e sim viver diante deles, julgar com eles uma notícia vista na televisão, um fracasso ou um sucesso na escola e no trabalho, a doença do avô, e assim por diante.

Prosperi. Agora, duas perguntas sobre o deslocamento do centro afetivo para o Tu.

A primeira: Carrón dizia que "é preciso deslocar o centro afetivo do eu para o Tu. Mas quando pensamos como Jesus? Quando, desde outubro, pensamos verdadeiramente n'Ele?". Eu não consigo sequer entender o que Carrón quis dizer. Acho que penso em Cristo com frequência, mas parece-me que aqui se fala de um outro nível, que gostaria de entender.

Ligada a essa, a segunda: Foi dito que é necessário deslocar o nosso centro afetivo do eu para um Tu que atua no real. Esse Tu coincide com a companhia? Ou o que tem a ver com ela?

---

[94] L. Giussani, *Acontecimento de Liberdade*, Ed. Diel, Lisboa 2004, p. 10.

Carrón. O nosso drama, amigos, está expresso na primeira pergunta: "Eu não consigo sequer entender o que Carrón quis dizer". Podemos estar aqui, pertencer ao Movimento e não saber o que quer dizer. Pois bem, quer dizer o que dizíamos antes a respeito do Batismo: "Eu não sou mais eu, o meu nome é o nome de Cristo, que é misericórdia"[95]. E como pela experiência não sabemos o que é isso, então muitas vezes reduzimo-lo à companhia. E, então, nesse sentido, entendo também a segunda pergunta: "Esse Tu coincide com a companhia?".

Então, gostaria de propor um texto de Dom Giussani, que esclarece de maneira clara essas perguntas. Ele estava numa casa do Grupo Adulto, dedicaram-lhe uma música e ele comentou: "É muito bela, seja como música, seja como coral, seja como sentimento humano de amizade e de fraternidade e de companhia numa aventura [Giussani reconhece tudo: a beleza da música, a amizade, a companhia numa aventura por parte dos que estão juntos]. No entanto, se as coisas pudessem ser elencadas tal como eu as elenquei agora e pronto, e fosse dado como óbvia alguma outra coisa [isto é, Cristo] – aceitado e reconhecido (claro!), mas dado como óbvio –, e não fosse o Seu nome produzido por uma ênfase de diálogo, de vontade de se fazer ouvir, de vontade de ouvi-lo; se não houvesse a personalidade até certo ponto com autonomia, se não houvesse uma face ultimamente singular, traços inconfundíveis inclusive com aqueles que Ele mesmo criou como sinal de si..."[96]. Não reduz nada, mas sobretudo não reduz Ele – uma personalidade até certo ponto com autonomia, uma face ultimamente singular, com traços inconfundíveis – ao que deveria ser sinal d'Ele.

Se não entendermos isso, voltaremos a reduzir o alcance do sinal. Porque Dom Giussani fala de Cristo – sempre! – como uma singularidade última, inconfundível: "Se não é objeto pensado (memória), dito (invocação), contemplado com admiração e prazer, tanto que se traduz em alegria por uma presença – *O meu coração está alegre porque Tu vives* – passam-se dias e dias sem que se diga *Tu*, exceto na pressa de fórmulas repetidas"[97], então alguém pode viver uma amizade estupenda com outras pessoas, pode ter um trabalho satisfatório, mas isso não basta. E prossegue: "Com todo o respeito, com toda a devoção, com toda (inclusive) emoção possível, com certa ternura que às vezes podemos

---

[95] L. Giussani, *Che cos'è l'uomo perché te ne curi?*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2000, p. 183.

[96] L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, BUR, Milano 1999, p. 148.

[97] *Ivi.*

experimentar... mas o que predomina é o que deveria ser provisória antecipação analógica [esse estar juntos, a companhia]"[98].

E depois diz-nos: "Fiquemos atentos, pois Jesus entre nós pode ser a origem de um mundo cheio de humanidade, cheio de alegria e de amizades, de razões formalmente indiscutíveis e de ajuda formalmente (mas também materialmente) concreta que está pronto para nos dar [...], porém Jesus poderia ficar reduzido ao retrato de uma bela mulher esculpido no seu túmulo"[99]. Jesus, para nós, pode ser isso, mesmo estando juntos; e, então, claro que não saberemos o que significa dizer que Ele tem uma face singular, traços absolutamente inconfundíveis. Nós não O negamos, mas o que prevalece é um achatamento do sinal.

Pelo contrário: "Não posso amar sem que essa comunicação, memória e adoração e obediência e discipulado e seguimento e olhar ávido de aprender e vontade de sacrifício até à morte, com que eu te olho, te sigo, sem que tudo isso se torne concreto, tão concreto que tu sejas, Senhor, aquele a quem amo: Tu és, Senhor, aquele a quem amo. *O que o homem deseja mais fortemente do que a verdade*? O que é a verdade? Um homem presente, um *homem* presente: não pode ser dilapidado ou desgastado pela fruição bela e formosa da companhia de rostos que d'Ele deveria ser um sinal indicativo! Isso acontece quando se diz *Tu* realmente, com toda a consciência do *eu*"[100].

Numa conversa com noviços do Grupo Adulto, ele responde se há coincidência entre Cristo e a companhia mais próxima – fala das nossas comunidades, da nossa Fraternidade! –: "Coincidência, não! Relação de tipo instrumental, sim! Cristo, para nos educar, usa normalmente a casa [a comunidade, o grupinho da Fraternidade] [...]. Mas recolocar a esperança na casa [na comunidade, no grupinho da Fraternidade] é apoiar-se em algo que pode romper-se e deprimir-se de um momento para o outro, se Cristo não o sustentar. Por isso, a minha esperança é em Cristo, não na casa [na comunidade, no grupinho da Fraternidade]"[101]. E de novo o provocam: mas sem a companhia não voltamos à abstração? E ele começa a perder a paciência – e eu também –: "A comparação mais clara é com o sacramento da Eucaristia. Em nenhuma outra coisa Jesus Cristo se torna mais presente do que no pão consagrado: até mesmo se identifica (depois da consagração *sob as espécies do pão está Jesus*

[98] *Ibidem*, p. 149.
[99] *Ibidem*, pp. 150-151.
[100] *Ibidem*, pp. 151-152.
[101] L. Giussani, *La drammaticità della compagnia*, in «30Giorni», n. 6, 1994, p. 42.

Cristo vivo, como recita a fórmula do *Catecismo*). A nossa esperança, porém, não está depositada nas *espécies do pão*: e sim n'Aquele que está realmente presente *sob as espécies do pão*, está depositada em Jesus Cristo nosso Senhor. Nossa esperança está no mistério de Deus feito homem que se torna presente sob as espécies do pão consagrado"[102]. Na Igreja, Cristo não usa nada como instrumento tal como usa o pão consagrado: identifica-se com ele. Mas a minha esperança não está no pão consagrado; Ele se torna presente entre nós na hóstia consagrada e essa hóstia consagrada – como faziam os primeiros cristãos, que a guardavam em casa; pensem na força dessa evocação! – tem uma incrível força de memória. Mas a minha esperança não está aí: está n'Aquele que está ali presente.

Prosperi. Como é que se liga o aspecto do método comunitário com a necessidade do trabalho pessoal? Tu disseste que o fenômeno comunitário é o método para superar o risco. Na minha experiência, porém, parece coincidir com uma transferência de responsabilidade para a comunidade. Qual é a diferença?

Carrón. A diferença está no que nos dizia ontem Dom Giussani, não encontro uma explicação mais sintética do que aquela, ou seja, que a dimensão comunitária representa não a substituição da liberdade – por isso, não está em contraposição ao trabalho, exatamente como dizíamos antes, sobre a relação entre graça e liberdade –, mas é a condição para que ela se afirme. Retomemos o exemplo que ele dá: "Se eu coloco uma semente de feijão sobre uma mesa, mesmo depois de mil anos (dado que tudo permaneça intacto) ela não se desenvolverá. Se eu tomo essa semente e a coloco na terra, ela torna-se uma planta. O húmus não substitui a energia irredutível, a 'personalidade' incomunicável da semente: o húmus é a condição para que a semente germine. A comunidade é a dimensão e a condição para que a semente humana dê o seu fruto"[103].

Nós estamos juntos justamente para sermos ajudados nisso. Não dizemos que para afirmar a individualidade da pessoa não devemos fazer os Exercícios juntos... Não, a questão é que se delegamos a vida na comunidade ou no grupo da Fraternidade, então sucumbimos, não crescemos, não nos desenvolvemos. Imaginemos um jovem que vai à escola. A condição para aprender é que esteja na classe com os colegas e com

[102] *Ivi*.
[103] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 198.

o professor, mas o aprender não é automático; se ele não se lançar no trabalho (pois ninguém pode substituir a sua liberdade), não aprenderá nunca, isto é, não crescerá. Essas duas coisas andam juntas.

A questão é que nós, em geral – como o demonstram essa pergunta e outras anteriores –, colocamos em contraposição as coisas: a graça e a liberdade, o eu e a comunidade, Cristo e a companhia. Tudo em contraposição. É verdade que eu não posso jamais separar Cristo do sinal; mas não posso reduzi-Lo ao sinal, não posso reportar-me a Ele se não tiver uma face com autonomia, ultimamente singular, com traços inconfundíveis. Do contrário, reduzimos Cristo ao nosso estar juntos, e fazendo assim, para onde iremos todos quando a vida nos colocar frente ao mal ou diante da morte? Se Cristo não é uma face ultimamente singular, como podemos responder a todas as nossas exigências, por exemplo, que as coisas durem para sempre? Podemos, com o nosso estar juntos, responder à exigência de justiça, de bem, de amor? É possível sem a pessoa de Cristo ressuscitado?

Prosperi. O último grupo de perguntas é sobre o significado do seguir.

A primeira: Para uma disponibilidade a sermos regenerados, o apoio de uma companhia qualquer não basta. De que modo isso questiona a dimensão das nossas relações como Fraternidade?

A segunda: Poderia explicar melhor o que significa seguir o carisma? Porque é fácil criar imagens. Qual é a verificação de que estamos verdadeiramente seguindo e que não estamos só na intenção?

A última: Quando o seguimento de uma autoridade é livre?

Carrón. Qual é o objetivo da Fraternidade?

1) O objetivo da Fraternidade é o Movimento

Dizia Dom Giussani, numa Assembleia dos Exercícios da Fraternidade: "Eu imagino que alguém encontrou Comunhão e Libertação e que, de algum modo, percebe que [...] é a modalidade como Deus chamou cada um de nós a viver a fé [...]. Então a Fraternidade é própria de uma pessoa que começou a entender de modo maduro [justamente isso:] que o sentido da sua vida é viver a fé na Igreja e em Cristo. [...] Por isso se une a outros que sentem maduramente a mesma coisa, para se ajudarem de um modo preferencial, excepcional, como [...] sinal eficaz, produtivo, pedagógico, e como depois viver toda a vida da comunidade. [...] A Fraternidade tem o mesmo objetivo do Movimento, ou seja, amadurecer o nosso coração, amadurecer a nossa subjetividade

na fé, isto é, no humano, na sua humanidade. [...] A Fraternidade é a experiência do Movimento que se torna um âmbito de vida que tende a investir toda a vida. [...] Então a primeira consequência da Fraternidade é que cada um que dela participa sinta mais a responsabilidade do Movimento. [...] Não quer dizer que todos devemos participar da diaconia ou dedicar-nos a isto ou àquilo do Movimento. Digo que todos devem, antes de tudo, viver as características fundamentais do Movimento [...] prestando atenção em tudo: da doença de alguém à notícia do jornal, do mal-estar de alguém ou da alegria de um outro [...]. A prática da vida da Fraternidade é um estímulo para a missão, para comunicar a outros essa coisa que ninguém parece perceber [...] essa é a grande injustiça do mundo: 'Veio para os seus, mas os seus não perceberam, bateu à porta da sua casa mas os seus não a abriram'"[104].

2) A Fraternidade é una

"Cada grupinho em que essa vasta companhia se reúne [...] é um grupo em que vive a única Fraternidade. A Fraternidade é una [é uma coisa só]; assim foi reconhecida no documento oficial [...] da Santa Sé"[105]. "Por isso a Santa Sé aprovou não cada grupinho de Fraternidade, [...] mas 'a' Fraternidade de Comunhão e Libertação, porque 'a' Fraternidade de Comunhão e Libertação é a experiência de pertencer ao Senhor [...] que queremos [...] viver profundamente"[106].

Nós reunimo-nos, pois, por uma escolha livre, para viver a experiência de Comunhão e Libertação, porque nós não seguimos homens (fulano, beltrano, sicrano), mas uma experiência que a Igreja reconheceu. "Em última instância, o objetivo de um grupinho da Fraternidade é lembrar-nos que Cristo é tudo [...], é o reconhecimento d'Aquele que está entre nós, e ajudar-nos a viver essa consciência [...] até que se torne algo habitual. [...] A vida de um grupo de Fraternidade vem do chamamento a isso e do exemplo que emerge [...]. A experiência da Fraternidade tem seus instrumentos: o principal é o ensinamento [...] central [da vida] do Movimento, porque é essa experiência que queremos viver profundamente; [...] sobretudo são as coisas que dizemos [nos Exercícios anuais e nos retiros]: é preciso confrontar-se com isso. Depois há o trabalho de cada grupinho. Mas isso por último, porque o grupo não é a fonte do critério: o critério

---

[104] L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2002, pp. 215.138.167.144.216.

[105] L. Giussani, «Il miracolo della Compagnia», in *CL-Litterae Communionis*, n. 10, ottobre 1992, p. 3.

[106] L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., pp. 169-170.

vem de se seguir as normas e as diretrizes que fazem parte da vida do Movimento em seus ensinamentos centrais, as indicações que vêm da Diaconia central, que é o único órgão de autoridade [...] reconhecido pelo Estatuto [da Fraternidade]"[107] e de quem a preside.

Vejamos como Dom Giussani, com o seu genial discernimento, concebe a vida e a função dos grupinhos da Fraternidade: "Uma Fraternidade dá-se [...] uma regra: primeiro, a oração comum; segundo, a obediência ao Centro da Fraternidade, o seguimento; terceiro, o fundo comum; quarto, a colaboração numa obra, ou seja, num serviço ao Movimento, de qualquer tipo"[108].

3) O fundo comum é uno

Sobre o fundo comum quero fazer um aprofundamento: de tudo o que foi dito até aqui podemos compreender que *o fundo comum também é uno* e a Fraternidade sempre o pensou e propôs desse modo (detalho-o não só para os novos, mas para todos). Trata-se:

- de um compromisso pessoal;
- com periodicidade *mensal* (nascida a partir da ideia de que o fundo comum possa ser uma parte do salário, que incide, pois, sobre o modo de usar os bens; pobreza);
- com uma quota que é *livre*. Dizia Dom Giussani: "A participação no fundo comum é obrigatória e livre: obrigatória porque todos devem participar; livre, absolutamente livre, em termos de quantidade"[109].

Por isso, ela é fixada com absoluta liberdade: não importa se alguém dá 1 Euro, pois não pode dar mais do que isso; digo-o em especial para as pessoas que fizeram chegar até nós suas dificuldades quanto ao emprego e alguns aposentados que nos escreveram ou telefonaram; leio uma carta como exemplo: "É com grande desprazer que comunico que me sinto constrangida a diminuir a quota mensal do Fundo comum para 2010. Nestes últimos treze anos, desde que o meu marido morreu, sempre procurei cumprir o compromisso assumido sem diminuí-lo, apesar dos três filhos que tive de criar e fazer estudar. Agora, infelizmente, uma doença séria não me permite realizar outros trabalhos e vivo da pensão do meu marido. Garanto-lhe, porém, que embora a quota seja diminuída para metade, dobra a afeição e a consciência da Fraternidade e de que a Fraternidade é o meio que o Senhor me deu para fazer a experiência de que a realidade é meio e sinal d'Ele".

---

[107] *Ibidem*, pp. 216.170.
[108] *Ibidem*, p. 205.
[109] *Ibidem*, p. 115.

Esse compromisso vem antes de qualquer iniciativa particular, em benefício da comunidade, de tipo caritativo, missionário ou outro qualquer. O fundo comum da Fraternidade é *para a construção da obra comum que é o Movimento,* e isso – foi-nos ensinado – é muito mais para a glória de Deus do que qualquer outro apoio, embora justo, a pessoas ou obras particulares. Trata-se de nos educarmos e nos abrirmos para o critério com que fazemos todas as coisas.

A verificação da verdade do compromisso que, depois, livremente assumimos para apoiar outras iniciativas, é se estas nos fazem amar e ser mais sérios com o fundo comum da Fraternidade (isso, entre outras coisas, diz também da bondade da iniciativa ou obra que, por sua vez, deve abrir-nos mais ainda para a única obra); o contrário disso é julgar segundo a simpatia ou o instinto.

Peço vos, pois, que verifiquem se e como, até hoje, o compromisso que assumiram em relação ao fundo comum segue esses critérios.

Concluo lendo o telegrama que mandamos ao Papa: "Santidade, 'Pode um homem nascer de novo, sendo velho?', essa pergunta de Nicodemos foi o título dado aos anuais Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, no qual participaram 26 mil pessoas e outras milhares, por ligação via satélite, de 74 nações. Cristo ressuscitado é o único que torna possível o renascimento do eu como um modo novo de olhar, de julgar e de abordar a realidade. Ele torna-se contemporâneo a nós na Igreja para salvar o homem todo, aqui e agora, e para cumprir a exigência infinita de justiça que existe em cada coração. Sentimos o eco disso na Sua carta aos católicos da Irlanda. Na memória de Dom Giussani, que nos familiarizou com a figura de Jesus, renovamos o nosso seguimento do seu carisma que, cinco anos após sua morte, continua a gerar-nos na contínua experiência de que Cristo não veio ao mundo para substituir o trabalho do homem, mas para chamar cada um de nós para a religiosidade verdadeira. Na espera de nos reunirmos todos em torno de Sua Santidade no dia 16 de maio – como filhos diante de um pai humaníssimo, que chora pelas feridas impostas ao corpo de Cristo, como vimos em Malta –, rezamos, em Rímini, pela Sua pessoa, que com palavras e gestos nos mostra a pertinência da fé às exigências da vida, isto é, a conveniência humana do acontecimento cristão, que supera a fratura entre o saber e o crer. Pedindo a Nossa Senhora a graça de estarmos sempre "colados" a Cristo como estiveram João e André, dizemos-Lhe, com todas as comunidades espalhadas pelo mundo: obrigado, Santidade!".

SANTA MISSA

HOMILIA DE PADRE STEFANO ALBERTO

"Eu vos dou a vida eterna" (Jo 10, 28). Estou certo de que, nesses dias, para cada um de nós, esta palavra – vida eterna – que, normalmente, vive numa indeterminação, numa nebulosidade, numa indeterminação de esperança, como algo distante, fora da vida, tomou forma e consistência; pois, se é verdade que Cristo, com esta palavra, indica o destino bom do qual ninguém nos pode arrancar (a não ser por uma rebelião voluntária), é também verdade – como sempre nos lembrou *Dom Gius* e como, tão vivamente, se revelou diante dos nossos olhos, nesses dias – que a vida eterna não começa no além, mas aqui e agora, na experiência da contemporaneidade de Cristo que move o nosso conhecimento e a nossa liberdade todo dia, em cada instante.

A última palavra com a qual se concluem estes Exercícios é a palavra "Pai": "O meu Pai é maior do que todos". Ninguém pode arrancar-nos da mão do Pai. E que esta força, esta radicalidade de pertença de cada um de nós – frágil e pecador –, seja concreta, fica evidente na última frase de Cristo: "Eu e o Pai somos uma só coisa". Esta unidade entre o Pai e Cristo é uma realidade pessoal: o Espírito, o Espírito do nosso Batismo – lembrou Julián –, pelo qual "eu não sou mais eu, mas Tu – oh, Cristo – que vives em mim". É o Espírito que, no carisma toma forma histórica, persuasiva, comovente, perturbadora, subversiva para a vida.

Voltemos para nossas casas, retomemos a vida quotidiana dentro da aventura da Igreja, dentro da vida deste país, tão belo e tão martirizado por forças que não desejam a paz e o bem comum; retomemo-la conscientes da nossa grande responsabilidade, na letícia, certos desta paternidade, deste abraço do qual ninguém poderá ser arrancado, e prontos a prestar conta a todos, na oferta da nossa vida, da esperança, da letícia, da certeza que, no carisma, Cristo no dá e continuamente renova.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caro padre Julián,

Quero, também neste ano, fazer chegar a todos os amigos da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímini para os Exercícios espirituais a minha saudação e a minha proximidade na oração, neste momento importante da nossa história.

Desejo que a beleza e a novidade que estou vendo entre nós, no Brasil, possam estender-se ao Movimento inteiro, como uma graça que floresce de repente, como um dom.

Desde os tempos de GS, Dom Giussani olhava para o Brasil com atenção, como o ponto no qual poderiam se concretizar, fora da Itália, as dimensões universais da nossa experiência. E a promessa do Senhor se realiza de modo imprevisto, que nos maravilha e surpreende. Comove-me ouvir Cleuza Zerbini quando me agradece pelo sim que, junto a tantos outros amigos, dissemos durante todos estes anos. Em um último encontro de sacerdotes, em janeiro, repetiu com uma emocionante gratidão: "Sem vós, nós não existiríamos". É a lógica da continuidade de uma vida, unida à admirável lógica do Senhor que é "o novo início".

Comovido com tudo o que o Senhor realiza entre nós, envio a todos a minha saudação junto com minha oração.

S.E.R. Dom Filippo Santoro,
Bispo de Petrópolis

Caríssimos amigos,

Somos todos, uns para os outros, testemunhas vivas de que é possível renascer, é possível assistir, maravilhados, ao renovar-se da inteligência e do coração, de forma que a vida de todos os dias, na variedade das circunstâncias e das situações, se torna ocasião para viver esta mudança e testemunhá-la aos homens.

Todos que estão em Rímini – e eu, infelizmente, não posso estar este ano – sabem que tudo isto só foi possível pelo encontro com Dom

Giussani e o seu carisma, ao qual somos chamados a permanecer fiéis, não obstante os limites e as contradições da nossa existência. Na mudança da nossa vida documenta-se, carnalmente, a potência do Senhor ressuscitado.

Com a minha bênção.

S.E.R. Dom Luigi Negri,
Bispo de San Marino – Montefeltro

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade
Bento XVI

Santidade, "Pode um homem nascer de novo, sendo velho?", essa pergunta de Nicodemos foi o título dado aos anuais Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, no qual participaram 26 mil pessoas e outras milhares, por ligação via satélite, de 74 nações. Cristo ressuscitado é o único que torna possível o renascimento do eu como um modo novo de olhar, de julgar e de abordar a realidade. Ele se torna contemporâneo a nós na Igreja para salvar o homem todo, aqui e agora, e para cumprir a exigência infinita de justiça que existe em cada coração. Sentimos o eco disso na Sua carta aos católicos da Irlanda. Na memória de Dom Giussani, que nos familiarizou com a figura de Jesus, renovamos o nosso seguimento do seu carisma que, cinco anos após sua morte, continua a gerar-nos na contínua experiência de que Cristo não veio ao mundo para substituir o trabalho do homem, mas para chamar cada um de nós para a religiosidade verdadeira. Na expectativa de nos reunirmos todos em torno de Sua Santidade dia 16 de maio – como filhos diante de um pai humaníssimo, que chora pelas feridas impostas ao corpo de Cristo, como vimos em Malta –, rezamos, de Rímini, pela Sua pessoa, que com palavras e gestos nos mostra a pertinência da fé com as exigências da vida, isto é, a conveniência humana do acontecimento cristão, que supera a fratura entre o saber e o crer. Pedindo a Nossa Senhora a graça de estarmos sempre "colados" a Cristo como estiveram João e André, dizemos-Lhe, com todas as comunidades espalhadas pelo mundo: obrigado, Santidade!

Sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Tarcisio Bertone
Secretário de Estado de Sua Santidade

Eminência Reverendíssima, a mensagem enviada em nome do Santo Padre aos 26 mil inscritos na Fraternidade de Comunhão e Libertação presentes em Rímini e em outros 74 países para os Exercícios espirituais, tornou presente a maternidade da Igreja, na qual encontramos a pessoa de Jesus. E tornou-nos mais certos de que seguir o carisma

de Dom Giussani é, para nós, a estrada para uma identificação com o Mistério de Cristo ressuscitado, início da criatura nova. Nossa Senhora vigie sua grave responsabilidade de dedicação total a Bento XVI, neste momento da história.

Sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima, os Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, do qual fizeram parte 26 mil pessoas juntamente com outras milhares coligadas em 74 nações, permitiram-nos meditar sobre a interrogação do Evangelho: "Pode um homem nascer de novo, sendo velho?". A certeza de que "é na comunhão da Igreja que encontramos a pessoa de Jesus Cristo" (Bento XVI), cujo Espírito faz de nós criaturas novas, faz-nos retomar o caminho dentro da realidade quotidiana no seguimento do carisma de Dom Giussani, desejosos de testemunhar que Cristo é o único que responde às exigências do coração e coloca a vida em movimento outra vez.

Que Maria nunca Lhe falte com a segurança da Sua proteção.

Sac. Julián Carrón

S.E.R. cardeal Stanislaw Rylko
Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

Eminência caríssima, durante os Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, do qual participaram 26 mil pessoas junto a outras milhares coligadas em 74 nações, fizemos a experiência de que Cristo é o único que responde adequadamente à pergunta de Nicodemos: "Pode um homem nascer de novo, sendo velho?". Na obediência ao Santo Padre e no seguimento a Dom Giussani, que no 5° aniversário de sua morte continua a gerar-nos na fé, continuamos a viver como fiéis leigos para testemunhar que a criatura nova que nasce do Batismo vive na Igreja a experiência da contemporaneidade de Cristo que salva o homem inteiro.

Sac. Julián Carrón.

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Sandro Chierici (org.)

(Guia de leitura das imagens retiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica à entrada e à saída)

As imagens são retiradas do ciclo de afrescos de Michelangelo Buonarroti na Capela Sistina, no Vaticano. O ciclo desenvolve-se na parte central da abóbada (Cenas da Criação e Histórias dos genitores), nas áreas triangulares da abóbada (Profetas e Sibilas), nas lunetas no alto das paredes laterais (bons cristãos), e na parede ocidental (Juízo Universal).

As imagens foram projetadas seguindo esta ordem:

Criação de Adão; Criação de Eva; Pecado original; Fuga dos genitores; Noé embriagado; Dilúvio universal; Profeta Zacarias; Sibila Délfica; Profeta Joel; Profeta Isaías; Sibila Eritréia: Sibila de Cumas; Profeta Ezequiel; Profeta Jeremias, Jonas; Maria ou a mulher de Jacó; O Juízo Universal, juntos; O grupo de anjos tocando trombeta; A boca do Inferno; A ressurreição dos mortos; A ascensão dos eleitos; Os condenados; Os santos ao lado de Cristo; Luneta da esquerda: anjos com a cruz e a coroa de espinhos; Luneta da direita: anjos com a coluna e o livro; Cristo juiz e a Virgem.

Índice

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI 3

Sexta-feira 23 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE MICHELE BERCHI* 11

Sábado 24 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – ***Só o divino pode salvar o humano*** 12

SANTA MISSA – *HOMILIA DO S.E.R. CARDEAL ANGELO SCOLA, PATRIARCA DE VENEZA* 28

Sábado 24 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – ***"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque é deles o reino dos céus"* (*Mt* 5,3)** 34

Domingo 25 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 50

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 66

MENSAGENS RECEBIDAS 67

TELEGRAMAS ENVIADOS 69

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 71

Suplemento da revista *Passos - Litterae Communionis*
Jornalista Responsável: Isabella Santana Alberto – MTB 56.802
No Brasil, uma publicação da Sociedade Litterae Communionis
Rua Félix Guilhem, 275 – Lapa de baixo, São Paulo, SP - 05069-000
Tel: (+55/11) 3871.1352 – passos.cl@uol.com.br
www.passos-cl.com.br
Em Portugal, uma publicação de Taprobana – Associação Cultural,
Rua Mouzinho da Silveira, 27 - 7ºB, 1250-166 Lisboa
Tel. (+351/21) 3590584 - redaccao.passos@mail.telepac.pt
Diagramação: Ultreya, Milão